103

PERSONAGENS

Pedro
Reitor
José das Dornas
João da Esquina
João Semana
Tabernoiro
Jogador
Daniel
Barbeiro
Aldeão
Sacristão
Jornaleiro

Clara
Margarida
Francisca
Joana
Josefa da Graça

Pupilas do Sm
Reitor
Drama em Sacto

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

COMPRA
293144
Cod. 12712

1º ACTO

(Longes de montes. À E. a casa de João da Esquina,uma loja mixta,à maneira da provincia,com moradia por cima. Uma taberna ao lado,com varias mezas e apetrechos próprios. À D. a casa de habitação de Margarida e Clara. Tudo rustico e campezino. Ao F. lavadeiras lavando num rio)

-:-

Cena 1ª

Clara,Pedro e Reitor

Pedro - (Como quem acaba uma conversa)...gostava de poder chamar-lhe minha,Clara,e tenho a certeza que nunca se arrependerá de me haver aceitado por marido. Que responde ?...(Reitor aparece)
Clara - Antes de consultar Guida,não respondo nada.
Pedro - Pois necessita a sua licença ?...
Clara - Devo pedir-lh'a. Não é ela a minha segunda mãe ? (O Reitor faz um gesto de aprovação com a cabeça)
Pedro - E se ela julgando-me pelo que eu tenho sido até aqui,não aprovar o casamento ?
Clara - Obedecia-lhe,ainda que me custasse muito. Adeus ?
Pedro - O susto em que fico,Clara,mata-me quási a esperança.

Cena 2ª

Os Mesmos e Reitor

Clara - (Que ao voltar-se,vê o Reitor) O snr. Reitor ?...(Vai beijar--lhe a mão)
Reitor - Deus te faça uma santa,minha filha. Como está a nossa Guida ?
Clara - O mesmo sempre...triste...triste...
Reitor - Há de também chegar-lhe a alegria um dia...O mundo é assim - Deus criou os rizos,e as lágrimas para todos - e todos mais tarde ou mais cêdo apanham o seu quinhão...Vaes para ao pé dela ?...
Clara - Ela não está em casa...Saiu de manhã cêdo.
Reitor - Então até logo. (Clara dirige-se para casa,onde entra. Durante estas cenas as lavadeiras tem pouco a pouco entrouxado a roupa e saído em diversas direcções)

Cena 3ª

Pedro e Reitor

Reitor - Então que é isso,Pedro ? O que estás tu para aí todo cabisbaixo ? O caso não é tão feio como o pintas.
Pedro - O caso! Que caso,snr. Padre António.
Reitor - Às vezes,uma palavra apanhada no ar e ouvida de passagem sem a gente querer,descobre muita coisa...
Pedro - Uma palavra!
Reitor - A palavra casamento,por exemplo...
Pedro - O snr. Reitor ouviu!
Reitor - Ouvi sem querer. - E se queres um conselho,não vás mais longe. Fica por onde estás,que não ficas mal. Basta de andar à solta.
Pedro - Por minha vontade,creia,snr. Reitor,que já o não andava ámanhã.

Reitor - Casa-te e deixa-te de andar desnorteado e nessa vida errada em que tens vivido, que não dá para bem.
Pedro - A duvida não está da minha parte...está...
Reitor - Onde é natural que esteja - e com razão...O teu passado é mau fiador - mas fica por minha conta tirar a duvida se me juras que é verdadeira a emenda.
Pedro - Se juro...juro por alma de minha mãe.
Reitor - Então vai para o teu trabalho e não desanimes...
Pedro - Bem o quizera...mas receio que a irmã de Clara...
Reitor - Guida é a rapariga de mais juizo que eu conheço, e se eu lhe disser...
Pedro - Isso sei eu...Promete então falar-lhe ?
Reitor - Prometo, e falarei igualmente a teu pai...e a esse até lhe posso falar já - porque aí vem.
Pedro - Como lhe hei-de eu agradecer, snr. Padre Antonio.
Reitor - Fazendo a felicidade de Clara.

Cena 4ª

Os Mesmos e José das Dornas

José - Clá! o nosso Reitor - e o meu Pedro por aqui a estas horas. (Descobrindo-se e dirigindo-se ao Reitor)
Reitor - Está à vontade, José, está à vontade. Vieste a propósito porque tenho que te dizer.
José - (A quem Pedro vai beijar a mão) Deus te abençôe. Acabaste a ceifa do milho na terra de cima do rio ?
Pedro - Acabei.
José - Já se não perdeu a manhã. E agora que vais fazer ?
Pedro - Primeiro vou meter as canas de milho no carro.
José - Vai então. Deixa-me com o snr. Reitor, que, como ouviste, tem que me falar.
Reitor - (Para quem Pedro olha) Vai, anda, e vai descançado. Se confias em mim ?
Pedro - Isso pregunta-se, snr. Reitor!...Até logo. -(Sai)-

Cena 5ª

José das Dornas e Reitor

Reitor - Ora ouve cá, José. Parece-me que no que diz respeito a teus filhos nunca te déste mal com os meus conselhos...
José - Mal!...É o que me tem valido! Mal! Crédo! que ideia!
Reitor - Está bom, está bom...não te aflijas e deixa-me acabar. Hoje teus filhos estão dois homens...
José - E ambos arrumados para ganhar a vida honradamente. Que lê o Pedro nunca me deu cuidado. O Snnhor fê-lo robusto e féro; é um homem para o trabalho; e quem pode trabalhar não precisa de outra herança. Pelo trabalho e com a ajuda de Deus fiz eu esta minha casa, que não é das piores, vamos; ele, com menos custo, e pode agóra aumentar, se quizer. Mas o Daniel já não é assim. Aquilo é outra mão - o Senhor a chame lá. Um dia de ceifa era bastante para m'o matar. Era a sorte dele que me dava cuidado.
Reitor - Has-de estar lembrado do que eu te disse então. Foram pouco mais ou menos estas palavras: "Se o pequeno é fraquito e não

pode com o trabalho do campo,para que queres tu o dinheiro, José. Acaso não terás alguns contos de mil reis ao canto da caixa para pôr o rapaz nos estudos ? Não podes fazer dele um lavrador ? Fa-lo padre,letrado ou médico,que não ficarás pobre com a despeza".

José - O snr. Reitor bem sabe os unicos escrupulos que eu tinha,e que às vezes ainda me apoquentam. Custava-me dar a meus filhos uma educação desigual. São irmãos,e,mais tarde o que tomasse melhor carreira e se elevasse polo estudo podia desprezar o que seguia a vida do pai a ponto que os filhos de um e de outro quási nem se conheceriam; é o que mais vezes se vê. Receava que fosse uma injustiça que fizesse a Pedro a educação que dêsse a Daniel.

Reitor - Homem de Deus,não há desigualdade verdadeira senão a que separa o homem honrado do criminoso e mau. Essa sim,que é a estabelecida por Deus,que na hora solene extremará os eleitos dos reprobos. Eduçados bem os teus filhos,em qualquer carreira em que os encaminhasses; educados segundo os principios da virtude e da honra,não ficarão distanciados; porque,cumprindo cada um o seu dever,serão ambos dignos um do outro e prontos apertarão as mãos onde quer que se encontrem. A primeira ideia foi fazer o Daniel padre.

José - Se ele em pequeno parecia que fôra mesmo talhado para a vida. O seu gosto era ajudar à missa...e até pelos seus brinquedos. Olhe que não havia para ele como armar igrejinhas e pregar sermões.

Reitor - Porém mudou,mudou de repente no gosto dos brinquedos.

José - Palavra,que se não fôra o snr. Padre Antonio dizer-m'o não teria acreditado. Um rapazinho de 12 ou 13 anos ter já na aldeia a sua conversada. E que lhe vio dar um beijo!...

Reitor - Não convinha portanto faze-lo padre. Para dar maus exemplos, temos cá infelizmente bastantos. E quando o pano era assim em amostra o que seria na peça inteira. Esta vida do sacerdote quer vocação decidida. Não as havendo,é um grande mal em abraça-la,e um grande pecado constranger ninguém a segui-la contra vontade.

José - Crédo! Quem diz menos disso ? Tanto que eu logo concordei...

Reitor - E combinamos manda-lo para o Porto e faze-lo cirurgião. Assim se fez e depois d'ámanhã deve chegar aqui,com a sua carta na algibeira e devidamente habilitado para exercer a profissão que aceitou. O nosso João Semana está velho e precisa de quem o ajude.

José - Tomara já passado o dia de hoje e d'ámanhã. Estou com umas saudades de ve-lo.

Reitor - Aproveita então estes dias de espera fazendo a felicidade dô que cá tens,de Pedro,e isso te ajudará a passar o tempo mais depressa.

José - Pois ele não é feliz ?

Reitor - Havia de sê-lo mais se tivesse uma companheira...

José - O rapaz pensa em casar?

Reitor - Pensa,e bom é que penso.

José - Mas com quem ?

Reitor - Com a Clarita das Medidas. Uma rapariguinha bonita e minha pupila.

José - Se é de vontade do rapaz e merece a aprovação do snr. Padre António,eu cá pela minha parte...

Reitor - Consentes ?

José - Consinto. Basta ser pupila do snr. Reitor, e irmã de Guida, que é no juizo a flor das raparigas da aldeia, para eu julgar acertada a escolha do meu filho.

Reitor - Obrigado por mim, e por Guida. Agora, haa-de dar licença que vou ver as minhaa pupilas e preguntar a Clara se accita o pedido de Pedro, pois só me faltava a tua autorização para o fazer. Depois vou almoçar, e em seguida irei cumprir a minha tarefa habitual, que é visitar os meus pobres. Fica-te com Deus. (Dirige-se á casa das pupilas para onde entra)

Cena 6ª

José das Dornas, depois, João da Esquina

José - Heim! que tal! Cirurgião da terra, o meu Daniel! Tenho nisto muita gloria, tenho, sim senhor. Para que hei-de nega-lo! E hoje aquela cabeça regulará melhor. É que o rapazinho prometia ser da pele do diabo! Já tinha a sua conversada aos 12 anos! Havia miáter! Ah! Ah! Ah! E o Reitor que atrapalhado estava quando me veio contar o caso! Ah! Ah! Ah! Agora é que eu lhe acho graça. E como ele soube dizer que não havia de ser padre, porque queria casar! Era o rapazinho! Esperto era ele! Olá! Mas como diabo o cuviu o Reitor ? A falar a verdade...o pequeno tinha razão. Eu, que tão bem me dei com aquela santa, que está no céu, como havia de obrigar um filho meu a não gozar duma felicidade como a minha ? Quer casar ? Faz ele muito bem. Deus lhe depare uma boa cachopa, que seja mulher de casa...Mas quem seria a tal ? Isso é que o padre nunca disse. Porém ha males que vem por bem. À diabrura do rapaz é que se deve o estar ele hoje cirurgião.

João - (Aparecendo à porta da mercearia) Ora viva o snr. José das Dornas! passasse muito bem, é o que eu estimo.

José - Salve-o Deus, snr. João.

João - Muito calor, snr. José.

José - De morrer.

João - Então que se diz de novo ?

José - Que se ha-de dizer ? Que se vive como Deus quer, e cada um pode. Os velhos como eu com os seus achaques.

João - Então já sabe que o padre Custodias é que prega este ano o sermão da Senhora do Amparo ?

José - Sim ?

João - É verdade. E a filarmónica é que vai tocar.

José - Então é festa de espavento ?

João - A confraria tem em cofre, perto de cem mil reis.

José - Está feito.

João - E diga-me, snr. José, que lhe parece da péga do nosso Reitor com os do Amparo ? Não acha que é um despotismo ?

José - Eu sei ? Olhadas as coisas de certo modo, o homem não deixa de ter alguma razão.

João - O quê, snr., o quê ? Não tem razão nenhuma. Eu bem sei o que aqui lo é...Lembra-se do que o Reitor do Clamando fez aos do Martir? Pois temos outra aqui.

José - Homem; não diga isso do Padre António. Você bem sabe que o quinhão do nosso Abade é o quinhão dos pobres!...Mas...eu dessas coisas não entendo - parece-me com tudo que era bom que andassem nisso com prudencia e aconselhados por quem possa dizer alguma coisa a tal respeito.

João - Então o juiz da confraria é algum tolo ? Olhe que o João Semana é homem para fazer frente ao Abade,se...

José - João Semana é homem fino,bem sei. Mas é também amigo velho do Abade; são amigos de tu e por isso duvido que queira deixar ir as coisas ao mal. Demais a mais,está velho e...

João - Velho,sim,mas robusto como os rapazes. Olhe vocemecê que aquela alminha já às 5 horas da manhã tem visitado mais de 7 ou 8 doentes. E para me não deixar por mentiroso olo aí vai já de volta da sua tafera.

Cena 7ª

Os Mesmos e Reitor,saindo de casa das pupilas e João Semana que vem da direita do espectador montado na sua égua.

Reitor - Ó João Semana ? Ó Homem ? Ó velhote! Pshiu!

Semana - (Voltando a cabeça) Que é lá ?

Reitor - Espera; fala à gente !

Semana - Vou com pressa.

Reitor - Então andas por fóra com um calor destes ? Isto é de criar maliguas,homem.

Semana - Que queres tu Abade ? Meu pai caiu na patetice de me arranjar este modo de vida. Se lhe tivesse dado na mania,fazer-me padre,outro galo me cantára.

Reitor - Cuidas então que não temos canceiras ?

Semana - Ai,dão-te muito que fazer as tuas ovelhas; estou vendo.

Reitor - E não dão pouco.

Semana - Só a carda-las com as congruas,e derramas. Por isso estás magro. Para vos sustentar sumos nós.

Reitor - (Sorrindo) Vamos a saber: queres vir almoçar comigo ?

Semana - Eu ? Já não tenho estomago para comidas de padres. Padre,Abade e egresso de mais a mais! Safa! Morria de indegestão esta noute.

Reitor - Anda lá,anda lá; ainda não perdoas-te aos frades. Morres impenitente.

Semana - Como queres tu que eu lhe perdôe o terem gozado sem mim,daquela santa vida do convento ?

Reitor - Santa,sim; porém,sem mortificações,não.

Semana - Oh! de certo que não. Os melhores cosinheiros teem às vezes os seus descuidos e os paladares de vossas reverendissimas,lá de quando em quando,esturavem o esturro do arroz,sal de mais na sopa,pimenta de menos no guizado,ou outra coisa assim... Lá isso...

Reitor - Valha-te não sei que diga. A vida é para ti,homem que,com 80,estás féro e robusto,e levas geito de assistir ao nascimento do século vinte.

Semana - É para veres de que fêveras ou sou. Se tivesse a tua vida, viveria como Noé.

Reitor - Então nem queres beber um calix do meu bastardo,heim ? Olha que é do que tu gostas.

Semana - Prefiro uma garrafa em minha casa. Mas agora reparo que está ali o José das Dornas. Guarde-o Deus,snr. José! Então quando chega o nosso homem ?

José - Eu espero-o depois d'ámanhã. Pelo menos não recebi ainda noticias em contrario.

Semana - Vê se me manda avisar,logo que chegue,que o hei-de querer

ir ver. Um colega!

José - Não ha-de haver novidade!

Semana - Adeus. Ó Abade,tu não sabes a historia daquele frade franciscano que...

Reitor - Não sei,não; ora conta lá,João Semana,conta...

Semana - Havia lá no convento uma pintura muito grande representando a Ceia de Cristo; e era esta pintura a que mais atraia as meditações piedosas do tal roverendo,o qual de olhos fitos naquele quadro,passava horas e horas esquecido de tudo o mais. Um outro que tinha notado isto,não poude ter mão em si que lhe não perguntasse com aquela voz de lamuria do franciscano manhoso: Em que pensaes vós,irmão,quando com tanta atenção olhaes este quadro ? - "Nos tormentos que por nós padeceu o Salvador",respondeu-lhe o tal. "E longos foram na verdade!" continuou o primeiro. "Mas por que esta pintura mais do que as outras,vos traz tão santas ideias ? Não tendes na sacristia a do Descimento da Cruz e aquela do Senhor preso à coluna ?" "É verdade,irmão,é verdade,mas olhai que não menor tormento era este de ter doze pessoas à meza e tão pouco de comer em cima dela". (Dizendo chega as esporas à água,e parte)

Reitor - (Encaminhando-se para o lado oposto a que saiu João Semana) Onde diabo vai este homem buscar estas coisas! -(Sai)-

Cena 8ª

José das Dornas e João da Esquina

João - (Que rira com José ao ouvir Semana) Com que,pelo que ouvi ao João Semana,temos cirurgião novo cá na terra ? Ora Deus o ajudo.

José - Emquanto o João Semana viver ha-de custar a afreguezar-se o rapaz.

João - Deixe lá. Ha gente para ambos. A terra já vai dando para dois, graças a Deus. E o rapazinho saiu esperto ?

José - Lá isso,diga-se o que é verdade;não é agora por ser meu filho, mas todos o confessaram. Creança era ele ainda e já o Reitor se espantava da memoria do rapaz. E se você visse,snr. João, o livro que ele escreveu ? Chamam-lhe lá tése,ou não sei quê. Pelos modos sem escrever aquilo não podem ter as cartas de examina. Eu tenho um que ele me mandou. Como sabe,eu daquilo nada entendo,mas bem vejo que é obra acabada,e bem feita. Deixe estar que lh'o hei-de trazer para vêr.

João - Eu disso pouco sei dizer; não é a minha especialidade.

José - Pois sim,bem sei. O João Semana também tem um que o Daniel lhe mandou e disse-me que está coisa acceada; e o snr. Reitor afirmou-me que bem se conhece que o rapaz não se esqueceu do latim,porque em...geografia,parece-me que foi gegografia que ele disse,nisto que ensina a escrever com letras dobradas,não tem nada que se lhe note.

João - Bom é isso!

José - Quer saber,snr. João ? Olhe,que pelos modos,o rapaz até lá provou...Já sei que se vai admirar,mas olhe que é facto,assim o leu no fim do livro,o snr. Reitor,até lá provou...que não há doenças.

João - (Fitando-o espantado) Que não há doenças ?...

José - É verdade!

João - Essa agora! Mas como se entende isso ?

José - Assim,como eu digo.

João - Ó snr. José das Dornas; então que é esto reumatismo que me não deixa mexer.

José - Não sei. Diz ele que é outra coisa; lá lhe dá um nome,mas é tão arrevesado,que me não ficou.

João - Que não há doenças! Essa lá me custa a engulir! Que não há doenças ? Sempre é uma,a falar a verdade! Não,não há! E que disseram...os mestres a isso ?

José - É o que eu estou morto por lhe preguntar...Mas o snr. João admira-se ? E então se eu lhe disser que ele provou que um homem é a mesma coisa que um macaco ?

João - Irra! Está a caçoar comigo,snr. José ? Ele podia lá dizer semelhante coisa!

José - Preguntei ao snr. Reitor,que assim o explicou.

João - Eu não,pois...macaco! Então eu sou macaco ? Então vocemecê é macaco ? Então ele é macaco ? Então nós somos...Ora,isso não pode ser.

José - Você,snr. João,cuida que eles entendem as coisas assim como nós. Isso tem lá outro sentido.

João - Outro sentido ? Que outro sentido ha-de ter ? Todos sabem o que é um homem,todos sabem o que é um macaco. Não vejo que outro sentido seja. Macaco! Irra! Não,essa agora é que me não entra cá.

José - (Rindo) Ele,salvo seja,aqueles diabos parecem às vezes mesmo gente,lá isso parecem; o snr. João nunca os viu ?

João - Vi,vi; tenho visto muitos.

José - Olhe que fazem coisas! que,fóra a alma,já se sabe...

João - Pois sim; mas o...mas a cauda ?

José - Ah! lá isso!

João - (Com rir triunfante) Ora então,aí tem.

José - Deixe ver se me lembro doutras que ele provou...

João - Não,essa já não é má.

José - Ah,é verdade...Esta tambem lhe vai fazer mossa. Já estou vendo...Diz que sustentou lá também que a gente,verdadeiramente, devia andar com as mãos pelo chão. (João faz um gesto violento de indignação) Ele não diz isto bem assim,mas lá por umas outras palavras,que eu não tinha entendido,mas que o snr. Reitor explicou...

João - (Cruzando os braços) Vai-me parecendo que o snr. José tem estado,mas é a caçoar comigo.

José - Ó homem! Com a verdade com que eu falo,Deus salve a minha alma.

João - Então com que havemos de andar a quatro como,com sua licença, as cavalgaduras ?

José - Não; ele tanto não quer dizer.

João - Não quer ? mas se ele diz...

José - Sim,mas ele não diz...Homem,eles lá sabem o que querem dizer na sua.

João - Eu julgo que não é necessario ser grande doutor para entender isso. Mas que ande quem quizer com as mãos pelo chão,que eu por mim...

José - Outra. Disse que há muito pouca diferença entre um...alimento ou elemento,diz que é a comida que a gente come,e um veneno.

João - Pois,quando ele vier,cosinho-lhe vocemecê um guizado de cabeças de fosforo com rozalgar, a ver como ele se dá. Se é a mesma coisa...Sempre ao que oiço! Estes medicos de agora!

José - Emfim,mostrou muita outra coisa que o rapaz e do que eu agora me não lembro. Pelos modos deixou-os todos maravilhados.

João - Se lhe parece que não!...Sento todas desse jaez. (Durante o final desta cena,tem entrado alguns trabalhadores do campo,e camponezes para a taberna)

José - Mas por hoje basta de dar à lingua. Preciso ir ver as minhas lavouras. Até sempre,snr. João.

João - Para que viva,snr. José! -(José das Dornas sai)-

Cena 9ª

João da Esquina,e depois Francisca que aparece à janela.

João - Nada,para mim não serve o doutor. So ele diz que não há doenças,que ha-de cá vir fazer ? E depois,pode pôr-me em dieta de vidro moido e cebola albarrã ou outra coisa assim e mandar-me correr a quatro pelos montes. Nada. Quero-me com o João Semana,que é homem sério,e não tem destas exquisitices da moda.

Francisca - (Chegando à janela) Ó pai,diz a mãe se quer almoçar ?

João - Já vou. Macacos! Somos todos macacos! Esta,esta é que me não torna a esquecer.

Francisca - Então,vem daí pai. Olha que o café arrefece.

João - Já vou,já vou. Macacos! (Francisca recolhe-se para dentro de casa; João dirige-se para a loja. Ao mesmo tempo sai Clara de casa e desce para a frente da cena)

Cena 10ª

Clara

(Só) Guida demora-se. Logo de manhã cêdo foi para casa do seu mestre,e ainda não voltou! Estará ele pior ? Pobre homem! O que lhe val,o que lhe tem valido na sua doença,é a gratidão da discipula que por amizade e prazer ensinára,da nossa Guida; mas ela aí vem.

Cena 11ª

Clara e Guida

Clara - (Indo ao encontro de Guida) Está pior ?

Guida - Quando lá cheguei despedaçava o coração ouvi-lo; agora porém, ficou mais socegado.

Clara - Podéra! Quem não ha-de melhorar tendo uma enfermeira como tu ao pé de si. (Agarrando-lhe ambas as mãos) Não me dás um beijo?

Guida - (Beijando-a) Mas que tens tu,Clara. Não sei o que te leio hoje nos olhos. Desconfio que me vais dizer alguma coisa.

Clara - E vou.

Guida - (Sorrindo) E parece ser de importancia,ao que vejo. Ficaste de repente tão séria!

Clara - É que é deveras sério e muito serio,o que te vou dizer.

Guida - Então ?

Clara - Querem-me casar.

Guida - Ah!

Clara - E olha,Guida,eu julgo que o meu noivo é um bom rapaz...mas... sempre queria saber o que tu pensas dele,e se merece a tua aprovação.

Guida - A minha ? E também te é precisa,filha ?

Clara - É,sim; podéra não. Já o disse ao snr. Reitor e ele concordou.

Guida - Sois todos muito bons para comigo. Mas que te hei-de eu dizer? Que te diz o coração ?

Clara - Ora,o coração...

Guida - O coração,sim...Porque não ? Quando é bom como é o teu,deve-se sempre ouvir,e...quer-me parecer que já o consultas-te antes de mim.

Clara - Falo a verdade: é certo que já.

Guida - E que te disse ele ?

Clara - Aconselha-me a...que sim.

Guida - Que mais queres ?

Clara - Que também me aconselhes.

Guida - O mesmo que o coração,já se sabe.

Clara - Não senhora; com franqueza,aquilo que pensares.

Guida - E quem é o noivo ?

Clara - O Pedro do José das Dornas.

Guida - Ah!...Por certo que é bom casamento. Com quanto pouco conheça ainda esse rapaz,oiço dizer que é honrado,trabalhador,e...demais a mais está bem e...

Clara - Então aprovas ?

Guida - Se to fosse necessaria a minha aprovação,dir-te-hia que estimo até muito que se faça esse casamento; e que sejas feliz. Agora também eu,Clarinha,te vou pedir um favor.

Clara - É possivel! É esta a primeira vez que me pedes um favor,Guida. Repara bem.

Guida - Tanto mais razão para m'o concederes,filha; não é verdade ?

Clara - Assim me pedisses mil,Guida,para t'os conceder também. Ora dize.

Guida - Sabes ? eu não me dou com esta vida de senhora,em que tu me tens. Que queres,minha filha ? Isto de trabalhar é habito que se ganha de pequeno e não se perde mais.

Clara - Mas então ?...

Guida - Queria que me deixasses trabalhar.

Clara - Mas não trabalhas tu tanto,mais do que eu,Guida ? Podia eu sem ti,olhar para estas coisas de casa,de que não entendo,de que não quero entender ? Só se quieres vir lavar ao ribeiro comigo. Ora! Guida,estas mãos delgadas já não foram feitas para isso. Mas que queres tu afinal ?

Guida - Sabes ? Uma coisa que eu desejava...uma coisa que me faria andar alegre até!...não desejas tu ver-me andar alegre ? Não ralhas tu pelas minhas tristezas ?

Clara - Mas vamos a ver o que tu querias: o que é que te daria essas alegrias grandes ? Alguma loucura grande também.

Guida - Não é não. Olha...se eu tivesse umas poucas de crianças para ensinar.

Clara - Tu,tu,minha irmã! Ensinares tu as filhas dos outros ?! Viveres de educares os filhos alheios!

Guida - Ó orgulhosa! Então isso é alguma vergonha ? Anda lá,que se o snr. Reitor te ouvia...

Clara - Mas que se diria de mim,Guida ? Sempre tens coisas! Que se diria de mim ?

Guida - Que és uma boa alma,Clarinha,tu que repartes comigo a tua casa, o teu...

Clara - Guida!

Guida - E o que se dirá de mim,se me não concederes o que te peço,o que se terá já dito ?

Clara - Guida,por amor de Deus! Perde essa ideia! É uma desfeita que me fazes.

Guida - Não é minha filha,não é. Pois bem,pregunto-se ao snr. Reitor, e,se ele disser que...

Clara - Ora,o snr. Reitor,sim! Basta ser pedido teu para ele o aprovar.

Guida - Estás sendo muito má.

Clara - Más és tu,que estás quási sempre triste! Não me dirás,Guida,o que hei-de fazer para te ver rir e estar alegre ?

Guida - Olha,Clarinha,a gente é como as flores,que umas nascem com côres vermelhas que alegram,outras,com côres escuras que entristecem. Olha tu as violetas e os suspiros,que te digam porque nasceram assim e porque,crescendo na mesma terra e sendo alumiadas pelo mesmo sol,não teem as côres brilhantes da rosa.

Clara - Bem respondido,sim,senhora; daqui em diante hei-de chamar-te a minha violeta.
(Neste momento agrupa-se mais gente à volta da meza da taberna, em roda da qual,já estavam alguns homens sentados e principiam a jogar)

Guida - Pois sim; mas se queres ver-me de hoje em diante mais alegre, é concederes-me o favor que te pedi.

Cena 12a

As Mesmas e o Reitor

Reitor - Com que então já estás descançada,Clarinha. Já aí tens tua irmã ao pé de ti.

Guida - O snr. Reitor! (Querendo beijar-lhe a mão)

Reitor - Deus te abençoe,minha filha. Como vai o doente...

Guida - Mal! Eu logo hei-de lá voltar. O boticario quer o dinheiro dos remédios e...

Reitor - Que não vá o homem arruinar-se. Deixa que tem de me ouvir. É pior que o pior dos seus causticos. Vai tu agora para casa descançar,que é o que precisas. Estás palida e abatida.

Guida - Mas eu precisava ainda hoje falar-lhe,snr. Reitor ? Queria que fosse meu padrinho num pedido que eu fiz à Clarita.

Reitor - Pois sim. Em acabando de visitar os meus pobres lá lhes vou bater à porta.

Guida - Então,não falte.

Reitor - Não falto. Anda,Clarita,leva tua irmã para casa e obriga-a a deitar-se uma hora que seja.

Clara - Se ele me obedecer! (Encaminham-se ambas para casa)

Cena Ultima

Reitor,depois o Taberneiro e mais freguezes da taberna

Reitor - Excelentes corações! Deus lhe dê na terra a felicidade que eu lhes desejo e de que são dignas. Agora preciso dar balanço ao meu dinheiro! Vejamos o que resta. (Procurando nas algibeiras,tira algum cobre) Tão pouco...tão pouco...e falta-me ainda tanta gente para socorrer e...(Aplicando de repente o ouvido para o lado da taberna) Aquele tinir...não me engano é...(Adianta-se alguns passos e observa de longe para dentro da taberna) Que vejo! E choram de fome os filhos d'alguns que ali estão. (Dirige-se à porta da taberna,onde se detem,ao ve-lo,os jogadores erguem-se como envergonhados e tratam de esconder as cartas e o dinheiro saindo alguns para fóra,onde ficam parados e cabisbaichos) Não é o regedor,socoguem,e pena

é que o não seja,para vos meter a todos na cadeia. Santa vida esta! Assim é que é ganhar o reino do Céu! Sim,senhores! Aqui estão uns poucos de santos varões que empregam bem o seu tempo. Respeitaveis e exemplares patriarcas,de quem muito se pode esperar como educadores de familia. Sim, senhores, (Sevéro) vossas mulheres estafam-se em trabalho para dar um pouco de pão negro aos filhos e a vós esta vida regalada,não é assim ? Ainda agora encontrei o teu pequeno, Manuel,que pedia esmola pela portoa dos visinhos; não tens vergonha! A tua mulher,Francisco,estava há pouco de cama, e teve de mandar à cidade a filha mais nova com uma canastra de hortaliça com que ela mal podia; ia a vergar,a pobre pequena! Achas isto bonito ? O teu irmão,João,ainda não há trez dias,que foi pedir emprestado,chorando,ao José das Dornas,dinheiro para pagar ao mestre da fábrica,em que traz o filho na cidade; talvez tu não tivesses para lh'o emprestares ? Não há muito que o pobre José da Maia se me queixou a mim,de que tu Damião,ainda lhe não tinhaa pago por inteiro o preço d'aqueles bois,que lhe compraste. Mas que importam estas pequenas coisas ? Que importa lá a miséria,que vai por casa se não falta o dinheiro para vinho e para jogo. Isso é o que se quer! E tu (Voltando-se para o taberneiro que está à porta) tu vais engordando à custa destas misérias todas,passam fome as mulheres,e as crianças para te encher as gavetas e a barriga! Ó Santo Deus! e tanta desgraça,que por aí vai e tanta gente sem pão para comer!

Taberneiro- Essa é boa! O meu oficio é vender vinho,vendo-o faço o meu dever.

Reitor - Fazes também o teu dever,enchendo com outro tanto de água as pipas de vinho que vendes ? e permitindo em tua casa estes costumes proibidos pelos homens,e amaldiçoados por Deus ? estes jogos infernais,que teem levado tantas cabeças à forca,e tantas almas ao inferno ? É esse também o teu oficio ? Pois deixa estar que eu avisarei o regedor,para que te dê a recompensa,por o bem que o cumpres.

Taberneiro-(Aparte) O mais acertado é calar-me.

Reitor - (Dirigindo-se aos jogadores) Cheio ao meio de vós com as mãos e as algibeiras vazias. Vêde. O dinheiro com que saí de casa,ficou-me por esses caminhos,algum nas casas de muitos,dos que vejo agora aqui. A esses não estou disposto a perdoar a divida,pois vejo que não precisam da esmola, que eu lhes dei; os outros,que tem para perdar no pecado, também o hão-de ter para a obra de misericórdia,ou tisnada trazem já a alma pelo fogo do inferno. Tenho ainda muitos pobres para ver,e não trago já dinheiro comigo. Peço esmola para os pobres (Estendendo o chapeu) quem não dará aqui esmola para os pobres ? Amanhã,continuando vós nesta vida,eu pedirei também esmola para vós. Lembrai-vos disso. (todos deitam dinheiro no chapeu,excepto um) E tu ?

Jogador - Não tenho nada perdi - perdi e devo.

Reitor - Não tens nada! tens,sim; tens cinco filhos e uma velha mãe moribunda. (O homem cobre o rosto para ocultar as lágrimas) A que vem esse choro ? Pois julgavas tu que matarias a fome à tua familia por essa maneira ? Para que te deu Deus braços robustos,homem,e o peito valente,se os negas ao trabalho ? E vós tivestes alma para vos entregardes a este jogo danado com um homem que punha em cima da meza o pão e

o sangue de seus filhos,e de sua mãe ? Vergonha e desgraça sobre vós,miseraveis,se dentro de um dia não compensardes o mal que fizestes,abrindo por vossas mãos a este pai o filho desnaturado a carreira do trabalho,que é da honra igualmente - dentro dum dia,como podeis e deveis. Eu vos forçarei a isso. Homens,que tão bem servis para perder, servi um dia so menos,para salvar. Não podes pagar ?... Alguém pagará a tua parte.

Taberneiro-Não pode pagar,não que a mim me deve ele uma conta e não pequena de vinho.

Reitor - Ah,sim ? Pois has-de ser tu o que pagarás a parte dele. Ainda não deste nada. Dá-mo a sua divida.

Taberneiro-Mas,snr. Reitor...

Reitor - Consideras-te mais que os outros ? Só se fôr,por seres o mais culpado.

Taberneiro-Não,senhor. De boa vontade lhe perdô-o,lá por isso...(Aparte) Não cédo grande coisa,que por perdida a tinha eu há muito.

Reitor - Compensem ao menos com esta bôa acção o pensamento diabolico que vos juntou aqui. E agora ide para vossas casas e para o trabalho. Lembrai-vos que mal vai à familia e à fazenda do que na taberna se esquece assim,e retenha-vos essa lembrança,se ainda não tendes endurecido de todo o coração. O que entra rico nestas casas sai a pedir; se entrar pobre sai criminoso. Ide. Fugi às tentações destes inimigos. (Tirando um baralho da mão de um jogador que o conservara na mão),e faze como eu quando as tiverdes à mão. (Com um rápido movimento de braço,faz voar o baralho,todos se afastam deixando o Reitor sósinho)(Depois dum momento de silencio,e quando está completamente sósinho) As grandes ventanias,são também um mal para o lavrador,porque lhe derrubam as soéras,mas...como se não podem evitar...que se faz ?...Levantam-se nos montes as azas dum moinho e elas aí estão aproveitadas. Aproveitemos pois também da loucura má destes perdulerios,já que ainda não pude acabar com ela de todo. Se a água é muita nas presas,não se deixa extravasar à tôa,abre-se um regueiro,que a leve onde ela seja precisa. Ó Santo Deus! e então que há por aí terras tão sequinhas de água! Doer-me-hia a consciencia se tivesse enchido assim a bolsa com as esmolas dos laboriosos e poupados; mas com as destes...ora,folgo e orgulho-me.

CAI O PANO

Fim do 1º Acto

2º ACTO

(Uma sala em casa de José das Dornas. Mobilia de pau-santo. Uma meza de pés torneados antiga,à direita; em cima da meza garrafas e copos de vinho. Portas à E. e ao F.,à direita janela)

-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-

Cena 1ª

José das Dornas,sentado em frente da meza,Daniel,ainda em traje de jornada,sentado a um lado da meza,e à esquerda do pai,Pedro,de pé,junto de Daniel,Criados e Criadas,Homens do Campo e Mulhres do Campo.

José - (Enchendo os copos e cangirões de vinho) Vá lá,rapazes, vá mais uma pinga à saúde de meu filho!

Homens - (Pegando nos copos e bebendo) À saúde do sô Daniel!

Daniel - Obrigado,meus amigos,obrigado; mas tornem a encher os copos, que eu também lhes quero pedir uma saúde.

Uma Mulher-(Enquanto os homens enchem os copos) Ainda é tão novinho!

Outra Mul.-Não sei o que me parece um cirurgião sem barba. Parece-me estrangeiro!

Uma Rapariga-Lé bonito é ele!

Um Rapaz - (Que está ao pé dela) Olhem que bonitoza! Um homem quer-se um homem.

Daniel - Estão prontos ?

Os Homens- Prontos e às ordens.

Daniel - Bem; mas esta agora é a virar. À saúde do meu pai!

Os Homens - À saúde do sôr José das Dornas!

José - (Comovido) Obrigado,Daniel; obrigado,meu filho. (Apertando-lhe a mão) Não te esqueceste de mim,nem te has-de esquecer nunca do teu velho pai,não é assim ?

Daniel - Esquecer-me eu! Não lhe devo eu a vida,muita amizade,e não lhe devo ainda o que sei,que,se não é muito,é,todavia, alguma coisa ?

José - (Querendo evitar a comoção) Está bom,está bom...se continuas não respondo por mim...e hoje quero saber o que vejo e o que faço. Quem te não vê há tanto tempo quer ver-te com os olhos desembaciados,e elas já principiavam a fazer-me fosquinhas.

Daniel - (Enchendo o copo) Então para arredar tristezas,pegue ainda uma vez nesse copo para festejar uma grande alegria - é o casamento do nosso Pedro. À saúde da sua noiva! Acompanhem, rapazes!

Os Homens- À saúde da noiva do sô Pedro!

Pedro - Obrigado por ela,e por mim,Daniel. Tinha-te preparado uma surpreza mas em agradecimento à tua lembrança,vou denunciar-ta. Não tardará muito que a vejas. Prometeu-me que vinha cá.

José - Deveres ? É a primeira vez...(A Daniel) Olha que vais ver uma guapa cachopa.

Pedro - Pedi-lhe tanto,que não terá remédio se não ceder. A mior dificuld. de foi decidir Guida a acompanha-la,mas foram tantas as suplicas da irmã,que não poude afinal resistir. Mas,é verdade,tu has-de conhece-las. São as filhas do

Meiadas...

Daniel - Ah!...sim...tenho uma ideia.

Semana - (Aparecendo à porta) Haverá ainda logar nesta casa para mais um amigo!

José - (Para Daniel) Olha quem ele é!

Daniel - (Indo abraça-lo) O snr. João Semana! O mesmo sempre!

Semana - Sempre,e em tudo,no corpo e na alma!

José - (Para os camponezes e criados) Agora vão aproveitar o resto do feriado que hoje lhes dei,como quizerem. Livrem-se porém, que me chegue a noticia d'alguma rixa,ou desordem. O que tal fizesse não tornava a ver as cruzes ao meu dinheiro.

Camponezes-(Saindo) Viva o sñ José das Dornas! Viva o sñ Daniel!-(Saem)

Cena 2ª

José das Dornas,Pedro,Daniel e João Semana

José - (Baixo) Que guapo moço,heim ? E sabe muito,não é verdade,snr. João Semana ?

Semana - (Baixo) Aproveitou-lhe o que aprendeu,aproveitou.

José - (Voltando-se para Daniel) Olha,Daniel,que o snr. João Semana gostou muito dos teus livros.

Daniel - Favor que eu aceito reconhecido. Agradou-lhe então a minha tése ?

Semana - Agradou. Tudo aquilo é muito bonito,mas não serve para nada. Era o que me faltava se eu,que mal tenho tempo para dormir, me punha agora a aprender aquelas coisas todas. Os nomes! Que molestias que eu nunca vi em 60 anos de pratica! Sabe você, Daniel ? - eu penso que lá por fóra,nessas terras grandes,há fábricas de molestias novas,que felizmente por lá se gastem também; cá à aldeia não chegam; é o que lhe sei dizer. Você para cá virá,você para cá virá. Ha-de ver que na pratica a coisa reduz-se a muito pouco; mais gastricas e menos gastricas e disse.

Daniel - É todavia inegavel que a ciencia caminha sempre,que se devem ao estudo,novas descobertas,que a analise médica se aperfeiçoa...

Semana - Isso tudo é muito bonito,mas você para cá virá,você para cá virá,e então falaremos.

Cena 3ª

Os Mesmos e Barbeiro

Barbeiro - (Da porta) Dão licença ?

José - Ah! é o mestre! Pois não,entre,mestre,entre.

Barbeiro - (Entra risonho,cerimonioso,afavel,modesto,penteado felino, a Daniel) A sua chegada,que foi um grande acontecimento para a terra,encheu-me de verdadeiro jubilo,não só pela amisade que eu devo à familia,mas também pelo muito que eu tenho a ganhar com os seus ilustrados conselhos. Era pois do meu dever vir logo cumprimenta-lo.

Daniel - Creia que me penhora muito a sua delicadeza. (Para Pedro) Quem é ?

Pedro - (Baixo) É o mestre barbeiro.

Daniel - (Baixo) Devia ter adivinhado.

Semana - (Dirigindo-se ao barbeiro) Diga-me uma coisa,snr. Venancio, como vai a doente do casal da encosta ?

Daniel - (Aparte) Ouviria eu bem!?

Barbeiro - Emquanto a mim,e até onde chegam as minhas fracas luzes, aquilo é o flacto que lhe subio ao coração. Por isso a doen tinha tem aqueles pasmos que se veem. Ora os sinapismos puxando-lhe os humores para os pés,algum bem lhe podem fazer. Mas eu para mim,snr. João Semana,penso que nestas doenças de retrocesso,a materia reimosa não sai sem sodenho. E que ali há materia reimosa - o fel,que é ainda pior,isso é que há. Já vê então...mas isto digo eu; agora (Virando-se para Daniel) lá os senhores que estuderam...

Daniel - Teve hoje muito que fazer,mestre ?

Barbeiro - (Com um sorriso e uma mesura) Está feito. Apenas fiz trez visitas.

Daniel - E quantas barbas ? (O Barbeiro morde os beiços,e disfarçando o despeito volta-se para José das Dornas,como quem fala)

Semana - (A Daniel) Olhe que um epigrama cria às vezes um inimigo. Poupe o mestre,poupe-o. Aquilo é uma linguinha de prata e às vezes d'onde menos se espera...Meu caro amigo,quem quizer viver bem neste mundo,faz a vista grossa a muita coisa. Está bom,está.

Daniel - Que quer ? Se eu não pude resistir à tentação...

Semana - Você quer saber ? Quando eu andei no Porto conheci lá um padre,que era pregador de nomeada. Pois não havia outro passa-culpas como aquele,não gostava de meter mêdo a ninguém com as penas do inferno. O Prior do convento chegou um dia a dizer-lhe que ralhasse mais contra o pecado,que não fosse tão bom de contentar; respondeu-lhe o padre: "Não que,reverendissimo padre,é preciso tanto; nem o diabo se deve tratar muito mal,porque ele tem por aí muito amigos". Guarde isto na sua lembrança.

José - E o nosso Reitor,sem aparecer! Ele,que eu sempre julguei que fosse o primeiro,depois de mim,a abraçar Daniel!

Cena 4ª

Os Mesmos e Reitor

Reitor - (Que entrára) Mas por ser o último,não será o abraço menos apertado e menos verdadeiro. Anda cá Daniel,anda cá filho!

Daniel - O senhor Reitor!...Meu velho amigo,meu mestre!...

Reitor - (Comovido) Pois tu ainda te lembras das minhas lições ?... E das travessuras que me fizeste...duma principalmente,recordas-te ?...Lá aquela é que eu te não posso perdoar...mas águas passadas não movem moinhos. Agora espero que has de ter juizo. A tua posição obriga-te a to-lo e o teu futuro depende disso. Dito isto,venha outro abraço.

Daniel - Com mil vontades. Estou a final satisfeito. Matei as minhas saudades. Já abracei e já vi todas as pessoas que tinha empenho de ver e abraçar nesta terra...

Reitor - (Com intenção) Não falta ninguém ?

Daniel - Ninguém.

Reitor - (Aparte) Falará verdade ? O tempo o dirá...(Dirigindo-se a Semana) Então que te parece o homem ?

Semana - Que me ha-de parecer. Bem. Ou antes: bem e mal.

Reitor - Como é isso ? Bem e mal!

Semana - Sim,o rapaz é talentoso e nas cidades talvez fizesse figura; para aqui não serve.

Reitor - Ah! João Semana!...Ciumes...

Semana - Estás doido ? Tomára eu que ele me descarregasse de parte desta tarefa,mas...diz-me lá se aquele corpo franzino,aquela pele de mulher pode aturar metade,a quarta parte,a decima parte do que eu tenho aturado.

Reitor - Lá isso...

Semana - Está de ver que não. Mas lá talentoso é ele,não há duvida nenhuma. (Indo ter com Daniel) Penso na historia que eu lhe contei ainda agora,o adeus que vou à minha vida.

Barbeiro-Eu acompanho-o. (Semana aperta as mãos de José,e de Pedro, o barbeiro fás as suas cortezias e saem ambos)

Cena 5ª

José das Dornas,Daniel,Pedro e Reitor

Reitor - Faz hoje gosto olhar para a tua cara,José. Está presentoira e até rosada. A alegria bem se diz que remoça a gente. Esta tirou-te,pelo menos dez anos de cima do espinhaço.

José - Palavra,snr. Reitor,que neste momento não tenho inveja a nenhum rapaz. Sinto-me com 30 anos.

Reitor - Quantos ha de 20 anos que não te levam em robustez e actividade a ti,mesmo com os teus 70. Não falo em teu filho Pedro, que esse não pode negar a paternidade - mas que tem ele ? Não pára quieto - e sempre em caminho da janela.

José - É que espera a noiva.

Reitor - Ah! sim...bem sei...

Pedro - O snr. Reitor sabe ?

Reitor - Admiras-te ? Julgas que as minhas pupilas fazem alguma coisa às minhas escondidas ?

Pedro - Por certo que não.

Reitor - Ora ainda bem.

José - Assim que elas cheguem,convido-as logo para a minha esfolhada,que está próxima,e que desta vez hade ser digna do nomeada.

Reitor - Acaba-me com essas folganças,José. Isso é a perdição de muita gente. Não sei como tu,homem sisudo,te pões assim a brincar com as crianças e com os moços em termos de te perderem o respeito.

José - Ó snr. Reitor,deixe lá. Uma vez é uma vez. Beijos e abraços, quanto mais às Claras,menos perigosos são. D'aqueles que se dão às escondidas,é que é o ter mêdo. Em quanto ao respeito,e socegue que,quando fôr preciso,eu sei como ele se faz ter aos atrevidos. E depois,que quer ? eu fui criado n'isto.

Reitor - Faço ponto na conversa,porque hoje não quero ter desavença contigo. Leva-me porém ao teu quarto que te preciso falar,e é mesmo acertado que deixe os rapazes um instante em liberdade para conversarem desafogadamente. Não de ter segredos que não são da nossa conta.

José - Vamos então,snr. Reitor. (Ambos entram na primeira porta À E.)

Cena 6ª

Pedro e Daniel

Pedro - (Próximo da janela,olhando sempre para fóra) Tu gostas da caça,Daniel ?

Daniel - No prato. Nunca a procurei n'outra parte.

Pedro - Tenho pena que não gostes. Queria que visses caçar os meus perdigueiros. Havias de pasmar - mas se tens vindo aqui há um mez,que ainda era viva a minha Ligeira,então é que tu ficavas de boca aberta. Olha que era um animal aquele que parecia que entendia uma pessoa. Eu nunca vi um bicho mais fino! Se tu a visses no monte! Aquilo era um azougue. Um dia,tinha ido eu, o Luiz do mestre-escola e o Francisco do alferes...

Daniel - Isto que horas serão ?

Pedro - Vai nas cinco. Mas iamos nós todos...ai,é verdade,ia também o Domingos cabo-mór...oh! mas esse não mata um pardal. Tem aquele diabo um costume...

Daniel - Que insuportavel calor!

Pedro - Hoje está quente,está. Mas tem aquele diabo um costume,que, por mais que eu lhe diga,não é capaz de perder. O costume é o seguinte: Tu sabes que no tempo das perdizes...(que tem estado sempre a olhar para a janela) Ah! lá vem elas.

Daniel - As perdizes ?

Pedro - Não. A minha noiva e a sua irmã. -(Corre à porta)-

Daniel - Chegaram a proposito. A palestra da caça interessava-me mediocremente. Por ora,talvez o tempo me transforme e eu venha a prezar a doce vida da aldeia,o sonho dourado dos poetas de georgicas e idilios.

Cena 7ª

Daniel,Pedro,Clara e Guida

Pedro - (Que tem saído,entra acompanhadde Clara e Guida) Aqui lhes apresento meu irmão Daniel,o nosso cirurgião novo. (Apresentando Guida) Minha cunhada Margarida,e esta é Clara a minha noiva.

Daniel - (Cumprimenta levemente Guida a quem presta pouca atenção, olha depois para Clara fitando nesta a vista com interesse) Dou-te os parabens pela escolha,Pedro. Estou certo que te não hão-de faltar invejosos.

Guida - (Aparte) Que indiferença! Podia e devia esperar que se lembrasse. Acaso o esqueci eu ?

Pedro - Com franqueza,diz Daniel. Há lá pela cidade muitas raparigas tão bonitas como a minha noiva ?

Daniel - Vareá,mas não posso afirmar,porque não vi nem uma.

Clara - É lisongeiro,já vejo. Aprendeu a sê-lo na cidade ?

Daniel - Onde é necessario sê-lo; mas aqui não é.

Clara - A Guida é que lhe saberia responder bem. Quando quer,sabe dizer coisas...até o snr. Reitor muitas vzes não tem que lhe responder. O Pedro que o diga.

Guida - (Nervosa e impaciente) Então Clara; para quê e a que propósito vais falar em mim.

Clara - Zangou-se! Se eu soubésse...(Animando-a) Perdoas-me ?

Guida - Estás perdoada,mas não tornes a fazê-lo.

Daniel - (Indiferente ao que se passa diz ao irmão fitando Clara) Não podias encontrar mais galante noiva! Em toda a aldeia de certo que não há outra,que se lhe ponha a par.

Clara - (Deixando a irmã,e dirigindo-se aos dois) Pobre João Semana! Quem mais o chamará agora,depois de haver na terra médico novo ?

Daniel - Está enganada - quando mais ninguém o chamasse,teria por si a melhor de todas as freguezias,a das raparigas.

Clara - Agora! E então por que o haviam de querer ?

Daniel - Porque os médicos novos tem o mau costume de desejarem saber das doenças do coração e dessas não se querem elas tratar.

Clara - Não sei porque não; pois não são tão perigosas ? Eu sempre ouvi dizer que se morria disso.

Daniel - Se se morre ?! Morre-se a todo o momento até. Mas, pelos modos, é um morrer, de que se gosta.

Clara - Deixe lá, sempre é morte, não pode ser muito boa.

Daniel - Ora! Morre-se a cantar!

Dá-me a vida, com teus beijos,
Já que por teus beijos morri.

Não há uma cantiga que diz assim ? (Clara e Pedro riem) Ora responda: se o médico tomasse a receita a serio, e quizesse dar a vida à sua dente ?

Clara - Isso mais devagar.

Daniel - Aí tem; é por esse motivo que não é bom consultar os médicos novos. O João Semana é que não é capaz dessas tentações, julgo eu... E que as tivesse... (Aparece ao F. Joana)

Cena 8ª

Os Mesmos e Joana

Joana - Desculpem, se incomodo; mas eu desejava saber se o snr. João Semana ainda cá estava ?

Pedro - Já saiu, senhora Joana!

Daniel - Joana! (Voltando-se) É ela! A mesma! A mesma tal qual! Venha de lá esse abraço, minha boa Joana!

Joana - (Entrando abraçada por Daniel) Em boa hora vim eu! O senhor Daniel! (Mirando-o) Jesus! que mocetão! Ora quem ha-de dizer que é este o menino a quem eu dava biscoitos e que trepava, como um gato, pela pereira do quintal acima ?! E então como gostava d'aquelas peras ainda rijas, que nem pedras! Sempre o tempo corre! Eu benzo-me!

Daniel - E quando o seu patrão tinha uns 4 pecegos muito grandes, que destinava para o vigario da vara e eu lh'os furtei, inventando depois nós ambos uma historia muito comprida de ratoneiros, a qual não deu pouco que fazer ao regedor.

Joana - Sempre foi uma, essa! E o vigario foi quem mais se zangou com a graça. E d'aquela vez que o menino entornou o tinteiro por cima do livro dos assentos do snr. João Semana ?

Daniel - Ai, é verdade. Por sinal que você depois disse-lhe que fôra o gato.

Joana - E, coitado foi ele o que pagou. Levou uma sova mestra! O pobre bichano não podia imaginar porquê.

Daniel - É provavel que ele não perdesse muito tempo a investigar a razão do facto. Foi bem mais razoavel, fugindo.

Joana - O menino era um traquinas! Era uma coisa por maior!

Daniel - Ha-de lembrar-me sempre com saudades, Joana, de quando se cosia o pão em casa e eu vinha, ao sair da aula, buscar o bolo que você me guardava no forno. Lembra-se ?

Joana - Ora!, como se fosse hoje. E d'aquela tarde em que o menino foi beber água fria logo por cima ? Ai nem quero que me lembre!

Daniel - Que bons tempos esses, Joana!

Joana - Se eram! Agora já o menino não quer da nossa fruta, nem do nosso bolo. Quem sabe se nol'o comerá por outra forma ?

Daniel - Como ?

Joana - Recebendo algumas das modidas o avenças que até agora eram do senhor João Semana.

Daniel - Está doida,Joana,nem seu amo tem receios de que eu lhe faça mal,nem eu vontade de lh'o fazer. Graças a Deus,eu não preciso para comer de andar a furtar o pão d'aquele que tantas vezes e de tão boa vontade m'o oferecia. Para o ajudar,isso,sim, estou pronto,que não é pouco pesada a cruz que ele traz.

Joana - Não é menino,não ó! Aquilo é um negro do trabalho. Ai,se ele faltasse o que seria dos pobres! Eu bem sei que o menino ha-de fazer o que puder,que tem bom coração; mas quem lhe deu as forças dele ? Aquele corpo é de ferro. Não faz ideia. Desde pela manhã,até à noite,não tem aquele pobre de Cristo um momento de socego.

Daniel - Mas a senhora Joana vinha procura-lo. Que lhe queria ?

Joana - Vinha entregar-lhe este bilhete e trazer-lhe um recado urgente. A carta não vinha fechada. O menino pode lê-la,a menina Guida,dá licença,não é verdade ?

Guida - Eu!...(Baixo,a Joana) É a minha carta ?

Joana - (Idem) É!

Daniel - (Lendo) "Meu bom snr. João Semana. O nosso pobre doente está mal,muito mal. Corta o coração vê-lo padecer assim. Se não fôr possivel salva-lo,ao menos que se não veja desamparado ao morrer. É tão compadecido o seu coração,snr. João Semana,abre-se tão depressa a caridade,que me atrevo a pedir-lhe que venha ver este desgraçado. A consciencia lh'o pagará. Da sua respeitosa amiga - Guida". De quem é esta carta ? Eu já ouvi este nome de...pois há uma mulher nesta aldeia que escreve assim ?

Joana - Olhem que a pergunta! Pois de quem é ela,homem de Deus,senão de cuja ali está,da irmã da sua cunhada,que ha-de ser.

Daniel - Ah! (Olhando para Guida que baixa os olhos)

Joana - Se escreve assim! Pois que julga que é aquela rapariga que ali vê. Bem digo eu que o menino já se esqueceu de tudo da sua terra. Então saiba que não há por aí quem se ponha ao lado de Guida em falar e escrever. Esse homem por quem pode, foi mestre dela. Pelos modos foi pessoa que teve de seu; mas hoje está quási a pedir. Para aí veio,e aí tem vivido. Aquelas duas raparigas,que são dois coraçoes de anjos - lá isso são,teem-n'o socorrido sempre. Pedro leva uma mulher como se quer; mas olhe que quem levar a nossa Guida não vai mais mal servido. Este homem tem-lhe ensinado em paga a lêr e a escrever que é um primor,segundo dizem.

Guida - Joana,reparo que estou aqui.

Joana - Para mim é o mesmo que se não estivesse; hei-de dizer o que entendo. Ora o tal pobre do Cristo está a morrer,e,segundo diz o patrão,não deita o mez fóra. E aquelas rapariguinhas então,crédo! isso é um cuidado por aí além,nem que fossem filhas. Mas o que eu não sei é se o snr. João lá irá hoje. Fica-lhe tão longe do seu giro e já é tão tarde! Olhe,sabe o que me lembra ? Porque não vai o menino lá ? Não diz que quer ajudar o snr. João Semana. Pois aí tem.

Daniel - Eu por mim,vou; não me custa. Encetarei assim a minha carreira logo no dia de minha chegada; mas o que eu não sei é se as caridosas enfermeiras do doente confiam em mim.

Clara - Pois não havemos de confiar!...

Joana - Então,olhe: também pode fazer-nos ainda outro favor. O outro recado era para o snr. João Semana ir a casa do João da Esquina,o seu visinho aqui da tenda. Ao menino fica-lhe perto de casa,se lhe não custasse ia igualmente lá.

Daniel - Também irei,o ponto está que o homem me queira.

Joana - Se não quizer que mande fazer um de encomenda. Era o que faltava. Já vê que não tenho nenhuma má vontade contra o menino, até lhe dou freguezia.
(Ouve-se ao longe as vozes das raparigas do campo entoando em côro uma saudação à Virgem Maria - a predilecta da piedade popular)

Daniel - Pareceu-me ouvir. Não me engano. Oiço cantar ao longe.

Pedro - São as raparigas da aldeia que regressam do trabalho e que vem entoando em côro uma saudação à Virgem Maria,a predilecta da piedade popular.

Daniel - Que singela e poetica toada!

Pedro - Se quereis ve-las passar,ande d'aí até ao terraço.

Daniel - A minha futura cunhada acompanha ?

Clara - Acompanho. E tu,Guida,não vens ?

Guida - Lá irei ter. (Daniel oferece o braço a Clara,e seguem Pedro)

Joana - Então adeus,menino Daniel.

Daniel - Adeus,minha boa Joana,até outra vez. -(Saem os trez)-

Cena 9ª

Guida e Joana

Joana - É um bom rapaz,lá isso é...Ficava por ele em tudo,menos numa coisa.

Guida - E vem a ser...

Joana - No capitulo mulher. Irmã ou filha minha não a fieva dele um segundo. Julgo que fez boas lá pela cidade. O snr. João Semana contou-me,polo alto,algumas que lhe chegaram cá aos ouvidos. Em todo o caso menina,sempre é bom trazê-lo de olho. Aquela cabeça,benza-a Deus,não vale grande coisa não. Sempre assim foi. Como Clarinha lhe casa agora na familia,é natural que ele conviva de perto. Cautela! menina. Eu bem sei que com certa gente não faz ele farinha,mas...

Guida - (Forcejando por sorrir) Que ideia,sora Joana.

Joana - A menina ri-se! É o que eu lhe digo. Não lhe deem muita confiança. Não,que ele tenha máu coração. Crédo! Conheço-o de pequeno. Aquele não faz mal a uma pomba,mas emquanto ao mais... Ó padre Santo António nos acuda! Eu digo,que se eu fosse rapariga...Mas...que tem que está tão falta de côr,menina ? Não está bôa ?...Que sente ?...

Guida - (Procurando mostrar-se tranquila) Nada. Não tenho nada. É que aqui está muito abafado e...(Ergue-se,caminha para a janela, e disfarça a sua perturbação)

Joana - Não que olhe que sempre hoje tem feito um calor...E Jesus! Valha-me Deus! É quási noite e eu aqui pespegada a tagarelar.. Adeus,menina,adeus,que são horas de ir cuidar da ceia do snr. João. (Dá um beijo em Guida e sai F.)

Cena 10ª

Guida

Cena 10ª

Guida

(Só) Que loucura é esta,mulher ? Pois ainda tens dessas creancices,doida ? Que pensavas tu ? que esperavas ? Era acaso possivel que ele se lembrasse de ti ?...E para quê ?...Não foi melhor que se esquecesse ? Diz ? (Pausa) E porque não hei-de eu também distrair-me,como se distrae Clara ? Virão já de nascimento estas genios assim ? Antes,creio... isso sim,que o genio de cada um toma a feição da vida que em criança se teve...Uma pessoa a final,é como uma árvore; em quanto nova é que se pode dobrar,que depois...Lá estão no quintal aqueles cedros que de paquenos Clara vergou em arco,ganharam essa forma e hoje já não se erguem direitos como os outros. (Ouve-se novamente o canto) Mas aí vão essas que cantam,e riem,e folgam. E que alegrias tem elas em volta de si ? Alegrias! prantos e dôres muitas vezes! E quando lhes falta o trabalho nunca eu senti o que elas sentem: a fome,o frio! E cantam! Então sempre é certo que é do berço,que nos vem este fadario de tristezas e que...Pois sim,mas ha uma riqueza que elas teem e eu não tive: um olhar de mãi! Viram sorrir-lhes a mãi! No meio da pobreza,no meio da miseria,pode nascer ainda alegria; mas é preciso que haja um olhar de afeição para a crear...um olhar de mãi,sobretudo. Ai,um olhar de mãi deve ser para a gente,quási como um raio de sol para as flores. Clara teve uma mãi que a estremecia,e teve o seu raio de sol...eu,de bem pequena perdi a minha e...Quem tão cêdo se vio orfã,como ha-de ser para alegrias. E ele ? Daniel esqueceu-me,esqueceu-me intairamente! Que mudança traz o tempo! Eu não sei como são certas memorias também...Quem havia de pensar ?...Parece-me que ainda o estou a ver,quando ele era creança,a vinha... - Dez anos! Que lágrimas são estas! Porque choro eu ? Não quero chorar,não quero...(Buscando numa luta intima conter as lágrimas) Hei-de ter forças,hei-de...Oh! mas não...é-me impossivel,meu Deus! Se eu senti,e sinto ainda que o amo e que há instantes fui pior ainda que esquecida,fui indiferentemente desprezada! (Desata numa convulsão de choro)

Cena 11ª

Guida,Clara e o Reitor

Clara - (Vem da 2ª porta da E. e ao mesmo tempo aparece o Reitor á 1ª porta do mesmo lado. Clara entrando) Então assim é que foste ter comnosco ? Eu já não podia esperar mais...

Guida - (Sufocando as lagrimas e afectando a maior alegria) Ia agora mesmo,Clara. A culpa foi da Joana,que me demorou com os seus contos...o que me fez rir...rir tanto...E quando me lembra o que ela me disse ainda rio...(Com riso nervoso) e rio deveras bem vês.

Clara - (Olhando para ela,espantada) É verdade...mas não sei porquê estranho-te...

Guida - (Continuando a disfarçar) Estranhas ver-me contente!...Não admira só também eu estranho...é tão raro...mas um dia havia de ser...foi hoje...

Clara - (Desconfiada) Pois,sim...mas...

Reitor - (Adeantando-se) Qual mas,nem meio mas...se Guida diz que está alegre é porque o está...Porém eu tenho que lhe falar. Deixa-me um instante sosinho com ela...que eu depois prometo leva-la para o pé de ti.

Clara - Não se demorem então muito. Verão que se divertem...Só para ouvir falar o snr. Daniel vale a pena. Analisa tudo com uma graça... Então até já. -(Sai a correr pela mesma porta por onde entrou)

Cena 12ª

Guida e Reitor

Reitor - (Indo a Guida) A mim não me iludes tu,Guida! Leio-te n'alma...
Guida - O senhor Reitor!
Reitor - Deixa correr diante de mim essas lágrimas...as lágrimas consolam...e esse riso assim dilacera e aflige. Tu ouves-me, Guida ?
Guida - (Deixando cair-lhe o rosto,sobre o peito) Ah! sou muito desgraçada...
Reitor - És um grande coração filha - é a tua desgraça,por ora.
Guida - Por ora!
Reitor - Por ora,repito. Descrentes logo...e às vezes...tem esperança, filha.
Guida - Descri logo,diz o snr. Reitor - e acrescenta que tenho esperança - esperança...em quê ?
Reitor - Se eu te disser que adivinhei tudo...tudo,Guida.
Guida - Adivinhou ? O snr. Reitor pode saber...sabe ?
Reitor - Sei o passado e vejo o presente.
Guida - O passado!...que passado!
Reitor - Se ha moços esquecidos,há velhos lembrados. E a prova é que já vai em doze anos que eu ouvi certo dia no campo ao pôr do sol metido entre o tojo e as giestas uma cantiga que nunca mais se me varreu da memória. Principiava assim:

Andava a pobre cabreira
O seu rebanho a guardar,
Desde que rompia o dia
Até a noite fechar!

Sabes quem a cantava.
Guida - Sr. Reitor!...
Reitor - Era uma pastorinha minha conhecida. Ainda me lembro do grupo que lá vi nessa ocasião. A pequena estava sentada numa pedra informe e musgosa e folheava com atenção um livro,dirigindo de tempos a tempos,meios sorrisos para um rapaz de 10 anos,que deitado aos pés dela,debruços com os cotovelos fincados no chão,e o queixo pousado nas mãos,parecia ao contemplar embebecido os olhos da engraçada criança,estar divisando neles os dotes mencionados da canção da morena que lhe ouvi cantar. Completava o grupo um cão,enroscado junto do pequeno estudante. Que dizes à minha memória,Guida ?
Guida - Que soube ser fiel...como,é a minha.
Reitor - Podéra,não me ser fiel,se por um triz fiquei vivo dessa vez para contar hoje o caso. Ainda me parece que estou a ver o cão rompendo por entre o centeio e lançar-me depois as patas dianteiras,sobre os hombros em quanto uma voz lhe gritava:' busca,Gigante,péga!
Guida - Não era a minha.
Reitor - Não era,não. Quando eu gritei chame esse cão,rapaz endemoinhado! Ele meta-me,foste tu que bradaste: aqui,Gigante! O que

também me não esqueceu foi a gargalhada que soltou Daniel, quando eu virei costas. Lá disse sem querer o nome do rapaz. Responde-me agora Guida, se depois do que te acabo de contar, ainda te surpreende que eu adivinhasse tudo.

Guida - Crê então ?...

Reitor - Creio que avaliando tu, por os teus, os sentimentos dos mais, dóe-te e dóe-te profundamente vêr que em Daniel, estão inteiramente apagados os vestigios d'aquela infancia, gosada em comum por ambos. Pensaste que te reconheceria, que não suviria pronunciar o teu nome, sem que a memoria o repercutisse; que um primeiro olhar fertil em recordações, bastaria só para ressuscitar o passado! Não é isto assim ?

Guida - É; mas enganei-me.

Reitor - Não desereias todavia... É possivel que lá para o diante a memoria lhe acorde e o passado reviva. Tem fé, Guida.

Guida - Quizera tê-la, mas não posso.

Cena 13ª

Os Mesmos e José das Dornas

José - Olá, ainda aqui está o snr. Padre António. Mas que vejo - é a menina Guida. Sempre veio... Obrigado... muito obrigado por esta honra que nos fez... mas tenha paciencia, que nos ha-de fazer ainda outra honra maior. Olha que desta vez o favor é feito a mim.

Guida - Se estiver na minha mão...

José - Está... se está. É sorilhentar com a sua presença a minha esfolhada que é d'aqui a 8 dias...

Guida - Eu... bem sabe que não costumo ir a festas.

Reitor - Irás, porém a esta. Fica por minha conta decidi-la, José.

José - Obrigado, snr. Padre António. E a Clarita - a noiva do meu filho, onde está ?

Guida - No terraço.

José - Deixem-me então ir vê-la. Com licença. -(Sai)-

Cena 14ª

Guida e Reitor

Guida - Pois o snr. Reitor quer... exige que eu vá à esfolhada ?

Reitor- Quero sim, exijo. Convém que acompanhes Clara. Toma-me conta nela. É rapariga e amiga de brincar. Lembra-te da sua posição hoje e serve-te do poder que tens sobre ela para a guiares, minha filha. Dá-lhe parte do teu juizo.

Guida - Mas... ele ha-de lá estar... Que quer, snr. Reitor, o meu coração é agora muito da terra para poder ser forte. Os meus olhos ainda se não secaram para as lágrimas o...

Reitor- Bemaventurados os que choram! Mas não sei porquê... tenho fé que ainda te hei-de enxugar essas lágrimas... Tem fé neste velho, Guida, que é deveras teu amigo. Tens ?

Guida - Como em Deus!

Reitor -Então encosta-te ao meu braço, dá-me um sorriso em troco da minha esperança, que preciso dele, e será o que Deus quizer! (Os dois encaminham-se para o F.)

CAI O PANO / FIM DO 2º ACTO

3º ACTO

1º QUADRO

(Um grande telheiro que principia na frente do teatro e vai descansar, quási a fundo, sobre pilares de pedra. Ao F. vê-se a eira rodeada de mêdas de milho. Entre o telheiro e a eira carros descansados sobre fueiros, e alguns carregados ainda de canas de milho. Entradas dos lados do telheiro. Luar. Um enorme monte de espigas ocupa o meio do telheiro. Amplas canastras espalhadas em torno)

-:::-:::-:::-:::-:::-:::-:::-:::-:::-:::-:::-:::-:::-:::-:::-:::-:::-

Cena 1ª

Daniel, que entra pelo fundo.

É aqui debaixo do telheiro a esfolhada! Bravo! como tudo está bem disposto! Confesso que estou com curiosidade de assistir a esta festa. Vai-se desenvolvendo em mim o gosto para genero campestre. Principio a achar mais dignas do pincel de um artista estas formosuras expressivas, e, quási direi, energicas da aldeia, do que as, sempre monotonamente languidas, maravilhas da cidade. Pena é que o reconhecesse tão tarde. Resta-me já pouco alento para emprezas de rapaz; e, demais, a minha nova posição social obriga-me a uma severidade que me tolhe a acção. Não obstante, andam-me a tentar os olhos pretos da filha do snr. João da Esquina, e eu não sei se sustentarei o equilibrio por muito tempo.

Cena 2ª

Daniel e Joana

Joana - (Aparecendo ao F.) Olhem quem ele é! Safa! que madrugou!
Daniel - Vim estudar o terreno, minha boa Joana. Mas a que horas é isto?
Joana - As esfolhadas em casa do snr. José das Dornas nunca principiam antes das 9 horas. Já que o encontrei, quero dizer-lhe uma coisa. Saiba que muito gostou de o ver o snr. João Semana... Ele tem aqueloa modos assim secos, mas...inda ontem estava a dizer que o menino ha-de vir a ser coisa grande.
Daniel - Não, agora já não cresço mais.
Joana - Ora, bem sabe o que eu quero dizer. Está a mangar.
Daniel - Eu lho digo, Joana. Eu que vim meter-me nesta terra, é porque tenho ambições. Lá isso tenho. A si, posso dizer-lhe baixinho; o meu grande desejo é vir a ser...
Joana - O quê ?
Daniel - Nada menos, que Regedor cá na aldeia.
Joana - Ora!...fala sério ?
Daniel - Pois isso é coisa lá com que se brinque ?
Joana - Então para que quer ser Regedor ?
Daniel - E não é uma posição tão bonita ?
Joana - Não digo que não. Pois olhe, com o tempo isso não será dificil. O snr. João Semana já esteve para o ser; ele é que não quiz. Mas o que é que o menino está aqui está casado.
Daniel - Porque diz isso ?
Joana - Ora, o pai ha-de arranjar-lhe noiva rica.
Daniel - E então há por cá muito desse género ?

Joana - Se há ? Boa! Aí tem a filha da Cova do Frade,que é uma moça bonita!
Daniel - Ai,muito bonita! Parece mesmo uma dalia vermelha.
Joana - Que está a dizer ? É uma rapariga escarolada e sadia.
Daniel - Lá escarolada será; e então tem muito dinheiro ?
Joana - Pra cima de vinte mil cruzados.
Daniel - Ih! que dinheirão!
Joana - Então acha pouco ?
Daniel - Está claro. Mulheres com menos de quarenta contos,Joana,não me servem.
Joana - Crédo! O que aí vai! Então não casa de certo,também lho digo.
Daniel - Se não a encontrar cá,trago mulher da cidade. Olhe que são mais bonitas. Uma senhora que saiba tocar piano,que saiba cantar,que anda á moda.
Joana - Sume-te! Sempre as tais modas! É no que elas pensam. Ora que graça acham áquelas coisas ?
Daniel - Você não sabe o que diz,Joana. Inda hoi-de vê-la andar á moda, a si também.
Joana - A mim ? Alguma estava nesse dia para sucedor.
Daniel - Mas olhe cá,Joana,e quando você me vir passear de braço dado com minha senhora,ela com vestido de seda a arrastar pelo chão...
Joana - Isso! Olhe que hade ficar em bom estado. Passeie pelo tojo e verá.
Daniel - Um pé muito pequenino.
Joana - Também muito pequenos não servem para nada. Quer-se em termos.
Daniel - Nada,quero-os muito pequeninos,e depois uma vósinha que mal se perceba.
Joana - Ora essa! Então não se ha de ouvir o que ela diz ?
Daniel - Vocês cá não tem disso.
Joana - Isso não. O pé mais pequeno que eu conheço...é o da filha do Mateus,que teve,salvo seja,um ramoinho em criança e ficou aleijadinha; e agora vez que se não perceba...olhe,tem ali a Ana do Regedor que desde que lhe caio aquela constipação no peito,ninguém lhe entende palavra. Mas o snr. Daniel já tem derriço cá na aldeia,tudo se sabe...e olhe que o tal derriço já faz um escandalo por aí além.
Daniel - Deveras! quem é então a feliz ?
Joana - Ora faça-se de novas. É a filha do João da Esquina.
Daniel - Ah! Ah! Ah! Cá me vou com essa.
Joana - Espere...oiça...
Daniel - Não posso. Tenho que falar com meu irmão antes da esfolhada. (Sai)

Cena 3ª

Joana,só,depois Guida e Clara

Joana - A mim não me enganou ele! O que o berço dá...Vejam se não era certo o que eu dizia. Há 8 dias que está cá na aldeia e já deu que falar. Arreda com ele! Safa! que é da pele do demónio!
Clara - (Que entra com Guida) Viva! Já não ha quem a veja senhora Joana! Eu até principiei a rezar-lhe todas as noites por alma um Padre-Nosso e uma Avé-Maria.
Joana - Olhem os meus pecados! Inda mais esta! Boa te vai! Estou bem aviada!
Clara - Então que tafularia é esta ? Lenço novo de cassa! Já reparaste,

Guida! E arrocadas! Ai! Estou para morrer! O mundo perde-se! Agora é que eu o digo.

Joana - É para que veja.

Clara - Ó Joana,você irá casar-se ?

Joana - Olhem;olhem...ela aí vem com as suas tolices!

Clara - Não,mas...sério,isto tem que se lho diga...E penteada! ai,e penteada!

Joana - Que penteada ? que penteada ? Cuida que todas são como ela. Sempre está uma mulher casada!

Clara - Ainda não,se faz favor.

Joana - Pobre do homem! Melhor sorte merecia aquele Pedro,que tão bom mocinho era...e é.

Clara - Ah! como ela diz isto! Querem ver que...Queres tu ver,Guida, que...Pois será com ele ? Veja o que faz,Joana,olhe que eu...

Joana - Adeus! Sabe o que mais ? Não estou para a aturar. Deixe-me ir embora,ande.

Clara - Embora ? Isso é que não vai tão cedo. Fica para a esfolhada.

Joana - Qual fico! Isso foi tempo! Verdade seja,que,passando pela eira, não resisti á tentação do entrar aqui. E Jesus Senhor! Deixe-me ir,que é noite. O meu amo está á espera. Valha-me Deus! Ora o que me havia de aparecer.

Clara - (Segurando-a) Não vai.

Joana - Olhem que praga! Então não tem graça nenhuma. Não vê ali a Margaridinha como tem juizo.

Clara - Venha-me com isso,a ver se me mete em brios.

Gui a - Deixa-a,ir;Clara,deixa,que pode fazer falta.

Clara - Vá lá em atenção á Guida. Mas tome lá esta massaroca para o senhor João Semana!

Joana - Não,que ele mesmo está á espera da sua massroca,nem dormio com a sua lembrança.

Clara - Quero que lh'a entregue da minha parte. Já disse: amores antigos não esquecem.

Joana - Olhe,deixe antes isso para o cirurgião novo,que esse é que não lh'a engeita!

Clara - Quem ? O snr. Daniel ? Ai,é verdade...Tu sabes,Guida ? A Chica do tendeiro.

Guida - Sei...sei.

Joana - Também aquela bandeira da torre,volta-se para onde lho sopram. Louvado seja Deus. Não há olhos para que se não enfeite. E ainda a acusam a ele. Faz muito bem; é rapaz.

Clara - Sempre tem uma cabecinha o tal senhor meu cunhado. E faz versos! Eu por mim ainda sou pelo João Semana. Olhe,Joana,diz-lhe você que me faça uns versos também ? Assim como os do outro.

Joana - Ai,já vai faze-los. Pode esperar por isso...

Clara - Uns versos como os tais da...trigueira...Não são da trigueira?

Joana - (Saindo) Sim,sim,tudo se ha de arranjar.

Clara - É verdade que eu já sei uns que serviam. (Canta)

Morena,morena,
Dos olhos rasgados,
Teus olhos,morena,
São os meus pecados.

-(Joana saiu)-

Cena 4ª

Clara e Guida

Guida - Toma sentido,Clara. Tem juizo esta noite. Modera as tuas brincadeiras. Lembra-te que estás para casar. Afinal,por mais que digam,sempre nestas esfolhadas ha libordades e costumes que... que... se

Clara - Sabas,Guida ? se todos/fossem a levar polos teus conselhos,e dar atenção aos teus medos,pode ser que o mundo andasse muito bem guiado,e andava de certo,porém morria-se de aborrecimento por aí.

Guida - Que queres,Clarinha ? Assustam-me sempre estes serões. Às vezes há desordens,rixas.

Clara - Ai,socega. Eu te prometo que me não meterei em nenhuma.

Guida - Prometo-me também que não darás causa a nenhuma.

Clara - Como queres que eu dê causa a uma desordem,louquinha ?

Guida - Como ha de ser ? Eu digo-to,mas não te arrenegues. Tu tens um bocadinho de ruindade,confessa,e,ás vezes para te divertires, gostas de fazer perder a paciencia aos outros. Ora,Pedro,tem um genio assomado e...

Clara - Deixa-te disso. O Pedro não é homem para se finar por ciumes só por vêr receber ou dar um abraço,em noite de esfolhada. Era o que me faltava também.

Guida - Assim será. Não quero contrariar-te mais.

Clara - Mas não ficas zangada comigo,não ? Porque tu és ainda e has-de ser sempre minha amiga...

Guida - A minha amizade pedes-me tu. E,a não ser a ti,a quem queres que eu vá dar toda esta que Deus me poz no coração,para dar ? A tua mãi devi eu a esmola do pão e do abrigo; a ti devo-te mais,devo-te a esmola da consolação e do conforto; por isso te estremeço e quero,Clarinha. E tu duvida-lo ?

Clara - Esmola! Esmola! que palavra! Como podias tu receber esmola em casa do teu pai,Guida ?

Guida - A casa não era de meu pai,era de minha madrasta.

Clara - Porém ficou sendo tua desde que foi minha.

Guida - Assim m'o disseste,assim m'o tens dito sempre. Não ha melhor alma que a tua,Clarinha,tenho provas,e grandes provas meu anjo. Ainda me lembra aquela noite de inverno,que tua mãi antes de se ir deitar contigo ás 9 horas,me obrigara a conservar-me em pé serandando,até concluir uma tarefa que me marcara. Era como disse no inverno; fazia um frio excessivo. A lareira estava apagada já,da parede defumada pendia uma candeia,cuja luz era a unica a alumiar o recinto. O vento assobiava nas inumeras fendas da porta da cosinha,e entravam correntes impetuosas polo tubo da chaminé,vindo inteirar-me os membros regelados,deixando-me a custo suster a roca o torcer o fio,para terminar o trabalho. De repente,não sei como adormeci. Passados alguns momentos despertei. Ao lembrar-me que adormecêra com o trabalho mal principiado ainda,apertou-se-me o coração,e juntei as mãos desesperada. Mas que espanto foi o meu quando vi espiada a roca e fiadas as estrigas que me haviam dado por tarefa. A minha primeira ideia foi que tinha sido aquilo um milagre da Senhora,a quem me havia encomendado e cujo auxilio fervorosamente suplicara. Mas pouco a pouco,a verdade foi-me aparecendo,mais distinta e pela madrugada acabaram de confirma-la alguns vestigios evidentes de que tu,minha Clara,tinhas estado

junto de mim aquela noite,em quanto eu dormia; denunciara-te um lenço que deixaras cair na pressa com que voltaste a alcova.

Clara - Guida!

Guida - E também nunca me ha-de esquecer a recompensa que tu me pediste quando no outro dia te vim dar um beijo de agradecimento. Foi que não quizesse mal a tua mãi,por me mortificar tanto. Pois eu podia querer mal a tua mãi,doida! e podia eu querer mal a quem me dava o pão de que me sustentava,o tecto e os vestidos que me cobriam ? Que eu nada d'aquilo tinha,Clara.

Clara - Não me digas isso. (Olhando para o fundo onde principiam a aparecer camponezes e camponezas) Mas aí vem chegando gente. Repara.

Guida - Não te esqueças do meu pedido, Tem Juizo.

Clara - Fica descançada. Mas vai principiar a esfolhada. Aí vem já o snr. José das Dornas e Pedro.

Cena 5ª

Guida,Clara,José das Dornas,Pedro,Camponezes,que continuam a entrar até ao momento de principar a esfolhada.

José - (Vendo as pupilas e indo a elas) Bravo! foram de palavra! e não se fizeram esperar. Assim é que eu gosto! O prometido é devido. Vivam lá raparigas! Salve-os Deus,meus rapazes.

Camponezas - Para que viva,snr. José das Dornas.

Camponezes - Salve-o,Deus,snr. José! P'ra que viva,snr. José.

José - Cheguem-se raparigas. Andem para aqui rapazes.. Toca a sentar - e á vontade - cada qual procura o seu lugar. (Os camponezes e camponezas sentam-se em roda do monte das espigas, Pedro e Clara sentam-se á esquerda,ficando Clara á frente) A menina Guida vem aqui para o pé de mim. Espero merecer-lhe este favor - e esta honra.

Guida - A honra sou eu que a recebo. (Vai sentar-se ao lado de José das Dornas ficando também á frente)

José - Agora,mãos á obra. (Tira uma massaroca,todos o imitam,principia a esfolhada)

Clara - (A Pedro) Seu irmão Daniel não vem á esfolhada ?

Pedro - Vem com certeza. Não tarda aí. O pai quiz que viesse depois do serão começado. Desta modo a surpreza causará mais alvoroço.

José - Isto sem cantigas não presta. Quem principia. Vamos,cante alguém. Canta tu,Rita. (Para uma rapariga)

Rapariga-Mas o que ha-de ser ? Escolha,snr. José.

José - Queres que eu escolha ? Vá lá que seja. Canta então a "Caninha Verde" que é cantiga cá de minha predilecção.

Rapariga-(Canta)

Caninha verde

(Etc...Etc...Os mais repetem em côro)

Cena 6ª

Os Mesmos e Daniel

Daniel - (Que entra finda a cantiga,aparecendo ao F.) E um lugar para mim,não há ? (Todos voltam a caboça para ver,mas tornam logo a baixa-la,continuando a sua tarefa,alguns homens

franzem as schrancelhas e rosnam entre si o seu desagrado, as mulheres de idade fitam nele um olhar como quem fita um lobis-homem, as raparigas acotovelam-se umas ás outras)

Pedro - (A Clara) Não dizia eu que ele não tardava.

José - (A Guida) Ficaram todos pasmados! Podera! Ninguém esperava este reforço.

Guida - (Aparte) Dai-me animo, meu Deus!

José - (Vendo que Daniel procura um lugar e que ninguém lho concede) Então que é isso ? Que diabo! Não haverá aí lugar para mais um ? Olhem que o rapaz não está empestado. (Faz-se um movimento geral para conceder o lugar requerido, movimento simulado porém, que, longe de abrir brecha no circulo antes mais o estreita)

Clara - Venha para aqui, snr. Daniel, se lho agrada a companhia. (Arreda-se de uma mulher que lhe fica ao lado direito e o oferece a Daniel)

Daniel - Ora bem. Eis-me no meu posto. Deixem-me pagar a patente, (Tirando da algibeira varios maços de cigarros que oferece) Tirem rapazes, tirem. Agora, vou também principiar a minha tarefa. (Agarra numa espiga a que dá voltas e reviravoltas antes de esfolhar)

Clara - Que desastrado! Nesse andar tem que fazer.

Daniel - Então como é que se arranja esta coisa ?

Clara - Assim, ora repare. Pega-se num prego...

Daniel - Mas que é do prego ?

Clara - Então não sabia pedi-lo ? Aí tem um. Mas pega-se num prego e atravessa-se o folhido assim, e depois...(Esfolha a espiga) está pronto.

Daniel - Vamos a ver se eu sei. Seguro o prego, pronto...atrevesso o folhedo, o folhido ou lá o que é...até aqui vai bem. E depois, e depois...depois...(Nada consegue e todos riem)

José - Agora, Clarinha...é tempo de ouvirmos a sua voz.

Pedro - É verdade.

Todos - É verdade, é verdade.

Clara - Não me farei rogar. -(Canta)-

MUSICA

Andava a pobre cabreira
O seu rebanho a guardar
Desde que rompia o dia
Até a noite fechar!

Guida - (Que, denunciava, intima comoção ao ouvir a canção, aparte) Oh! meu Deus! que recordação! e que dôr!

Clara - Sentada no alto da serra
Poz-se a cabreira a chorar.
Porque chorava a cabreira ?
Ninguém o soube contar!

Daniel - (Como quem se recorda, aparte) Esta chacara já eu ouvi... Que lembrança me acorda...(Fita Clara com amenice)

Clara - (Essa historia da pastora
Bis (Devo agora explicar

(Apar'ceu-lhe um pagem loiro
(Que a não soube requestar!

Nunca a tinha visto antes
O seu robanho a pastar,
(E foi correndo p'rá serra
Bis (Jurando afecto som par!

O robanho vai fugindo,
Polos vales sem parar
E a pastorinha atraz dele
Som o poder alcançar.

E andaram assim trez dias
E trez noites sempre a andar
Até que á porta dum paço
Afinal foram parar.

O rei perdera uma filha
Que jamais poude encontrar
E na formosa cabreira
Quiz seu rosto idealizar!

E vem damas p'ra vesti-la
E vem damas p'ra calçar
(E a mais formosa de todas
Bis (Para as tranças lh'enfeitar!

José - Milho rei! Milho rei! (À exclamação do lavrador levantam-se de todos os lados)
Todos - Cumpra, cumpra a sua obrigação.
José - (Levantando-se) Lá vai, lá vai. (Levantando-se e principiando a abraçar os rapazes e as raparigas) Na minha idade, aos seten ta anos, só o milho rei me podia dar destas fortunas. (Abraçando uma rapariga) Ainda bem que a sorte me trouxe ás mãos.
Um Camponez-Foi o primeiro que apanhou. É ou não feliz o sê José.
José - (Abraçando um homem) Que belo abraço que eu desperdicei agora! (Abraçando um rapaz) Rapazes, tenham paciencia. Eu sei que não são destes abraços que vós quereis. Mas é lei, é lei. Os outros virão a seu tempo.
Uma Rapariga-(Que José das Bornas abraça) Eu cá não trocava este por os de muitos rapazes.
José - Que tal! heim! Apanhem lá essa. (A um criado que abraça) Ah! maroto, ser obrigado a abraçar-te, quando tanta vontade tinha de te apalpar d'outra maneira as costas! Ora vá, que talvez te não gabes d'outra.
Uma Rapariga- Milho rei! Milho rei! (Levanta-se e vai abraçar)
José - (Para Clara) Então a Clarinha não continua a cantar. Nem eu mesmo sei porque interrompeu a cantiga.

Clara - (Canta) (Mais tarde a linda cabreira,
(Ninguem a poude encontrar.
Bis (Mas um anjo d'asas brancas
(Viram aos céus a voar!

Daniel - (Mostrando uma espiga de milho vermelho, a Clara) Visitou-me emfim, a ventura. Graças a Deus! Porém mais feliz seria se

fosse prometido cumprir da sentença só aquela parte que me não obriga a levantar.

Clara - (Baixando os olhos) Isso não se diz.

Daniel - Apezar de o sentir. (Alto) Milho rei!

José - Só tu não apanharias! Então anda,cumpre a tua sentença. (Daniel vai abraçar a todos,mas á pressa o distraidamente)

Guida - (Que ele abraça) Sempre esperei que me havia de arrepender da minha condescendencia. Quantas impressões,Senhor meu Deus!

Cena 7ª

Os Mesmos e Reitor

Reitor - (Da entrada) Deus abençôe a todos e Deus afugente d'aqui a tentação do inimigo.

Todos - (Erguendo-se) O senhor Reitor!

Reitor - Deixem-se estar. Eu não vim para desmanchar prazeres. Vim... por curiosidade.

José - O snr. padre António,aqui.

Reitor - A religião manda-nos entrar em toda a parte...quando nos conduz a ideia de lembrarmos o cumprimento dos seus deveres. (Passando por Clara,a quem neste momento Dabiel abraça) Depois não tinha ainda hoje abençoado as minhas pupilas,e ainda que já tarde queria abençoa-las. (Clara solta-se de Daniel meio envergonhada e beija a mão do Reitor) Deus seja contigo e em tua guarda. (Encaminha-se para o outro lado)

José - Quizera,snr. Padre António,mas não me atrevo a oferecer-lhe um lugar.

Reitor - A minha pupila Guida,aqui me dará lugar a seu lado. Mas riam e brinquem que eu também gosto de ver rir e brincar. A alegria não é pecado!

José - Alegrem-se então raparigas,alegrem-se rapazes. Bem ouvem o que diz o snr. Reitor.

Reitor - (A Guida) Lembras-te do que te recomendei ha tempos,Margarida ? Não tires as vistas de Clara. É uma espionagem necessaria para bem dela,por isso não deves ter escrupulos em faze-lo.

Guida - E porque me repete agora outra vez essa recomendação,senhor Reitor.

Reitor - Eu cá me entendo. Faz o que eu te digo,Margarida. Também não sei que demoras são estas com o tal casamento! É preciso dar aviamento a isto.

Daniel - (Que tem estado sempre falando com Clara) Mas,Clarinha,repare que ainda não teve uma só palavra que me dissésse...

Clara - E que quer que eu lhe diga ?

Daniel - Pois não se lembra de nada ?

Clara - De nada. A minha cabeça não tem neste momento muito para me dar.

Daniel - Oh! mas não lhe peça nada também,peça antes ao coração.

Clara - Que posso eu pedir ao coração que lhe sirva ?

Daniel - Se ele não tiver que dar,que se dê a si próprio.

Clara - (Erguendo-se de repente) Senhor Daniel!

Pedro - Que tens,Clarinha ?...Pareceu-me que te ouvi...Que tens ? Dize.

Clara - (Ainda agitada,apertando o braço de Pedro,como quem procura protecção) Não é nada.

Guida - (Correndo a ela) Que foi ?

Pedro - Mas tu gritaste.
Clara - Não; é que...a falar a verdade,não sei o que sinto...Olha,sabes ? queria-me ver em casa. Se soubesse,não tinha vindo.
Guida - Mas que tens tu ? que sentes,Clara ?
Clara - Por quem és,Guida,não me preguntes hoje nada,se és minha amiga. Estou doente...
Guida - (Aparte) Oh! meu Deus! tremo de adivinhar!
Daniel - (Diri indo-se a ela) Está doente,Clarinha ?
Clara - (Ao fitar Daniel) Por amor de Deus,deixe-me.
Reitor - (Aproximando-se de Guida) Leva tua irmão para casa. Vai tu com elas,Pedro. (As duas dirigem-se para o fundo. Pedro segue-as)
Daniel - Eu também as acompanho...
Reitor - (Detendo-o por um braço) O senhor fica!
Daniel - Porquê ?
Reitor - (Levando o dedo indicador á boca,acrescenta depois com severa dignidade) Mando eu!
(Daniel fica como surpreendido)

CAI O PANO

Fim do 1º quadro do 3º acto

2º QUADRO do 3º ACTO

(Um pequeno largo formado no centro de uma azinhaga. Ao F. um pinheiral. Aberta na base de um pequeno outeiro,também ao F.,uma boca de mina que se prolonga por baixo do pinheiral; uma telha meia quebrada, serve de bica á fonte; e ao receber o jorro d'água,uma bacia natural por ele mesmo cavada. Do pinheiral sobranceiro desce-se á fonte por alguns degraus grosseiramente abertos. Ao lado,e separando alguns passos da fonte,abre-se um desses enormes barrancos,rasgados pelas torrentes de sucessivos invernos e cuja entrada é disfarçada por troncos robustos de fetos e giestas. Ao pôr do sol)

()

Cena 1ª

Daniel,depois um Aldeão

Daniel - (Em trem de caça) Cá está a fonte onde ela costuma,segundo já observei,vir todos os dias ao anoitecer. (Sentando-se num tronco de arvore que está á boca de cena) Que diabo de homem sou eu ? Pois não vou principiando a apaixonar-me por a noiva de meu irmão ? Quando terei eu força para me vencer nestas coisas ? Mas é que tem uns olhos aquela rapariga e umas maneiras!

Aldeão - (Entra,e vendo Daniel faz um gesto velhaco,e principia a cantar:)

Caçador,que vais á caça,
Muito bem armado vais;
Os olhos levas por armas,
E,em vez de tiros,dás ais!

Daniel - Dar-se-há o caso que o labrego...Será alusão.

Aldeão - (Que fôra beber água á bica,continúa:)

Singular caçada a tua
Arrojado caçador,
Que em lugar de penas de aves
Só trazes penas de amor!

Daniel - (Erguendo-se num impeto de colera e caminhando para ele) Ó maroto!

Aldeão - (Fingindo reparar nele pela primeira vez,cortejando) Nosso Senhor lhe dê muitas boas terdes. O patrão quer alguma coisa?

Daniel - Quero avisar-te que andarás com juizo se deres outro geito ás tuas cantigas diante de mim.

Aldeão - Então que cantava eu ? Já nem me lembra,se quer que lhe fale a verdade.

Daniel - Pois se t'ouvir segunda vez,eu t'o prometo que t'o gravarei melhor na memória.

Aldeão - (Afastando-se,aparte) Antes disseo heide eu pôr-te a vida á viola! -(Sai)-

Daniel - Esta vida da aldeia,vida de mexericos e maledicencias velhacas! Praga maldita das terras pequenas! Ora vejam em que esta gente se ocupa desde que eu cá estou! Em saber o que faço,como vivo,para onde vou,com quem converso; e isto entretem-n'a! Que os leve o demónio! (Sobe,e olha para a E.) Mas vejo um vulto no fundo da azinhaga. Ha-de ser ela! Não lhe quero aparecer já. Onde heide esconder-me ? (Vendo o barranco) Ah! aqui! (Esconde-se)

Cena 2ª

Clara, depois Daniel

Clara - (Vem cantando; traz um cantaro que vai pôr á fonte, ajoelhando diante dela)

Vem livrar-me com teus olhos,
Que eu por eles me perdi,
Dá-me a vida com teus beijos,
Já que por eles morri!

(Na posição em que estava, Clara tinha as costas voltadas para os barrancos, mas ao terminar a cantiga, levanta-se assustada, como se ouvisse rumor d'aquele lado. Volta-se inquieta, e vendo aparecer na volta Daniel, dá um grito e vai para fugir)

Daniel - (Que se aproxima, detendo-a pelo braço) Que vai fazer ? Não se assuste. Sou eu.

Clara - Santo nome de Jesus! O que faz por aqui ?

Daniel - Vim ve-la...falar-lhe.

Clara - Ver-me! falar-me! Jesus, meu Deus! E para que havia de procurar falar-me ? Que tem que me dizer ?

Daniel - (Sorrindo) Que pregunta, a sua, Clara!...Imagina lá a minha vida na aldeia ? Devoram-me desejos de conversar. Mas não tenho com quem. Clarinha é a unica pessoa das que tenho até agora encontrado, com quem se pode sustentar uma conversa seguida e agradavel. Veja se não seria crueldade proibir-me...

Clara - Não digo isso. Eu entendo-a ás vezes, sim; mas é quando todos o entendem também; quando a sua conversação mais me entretem, tenho notado, que muitos o escutam como eu, com atenção. Mas, d'outras vezes...

Daniel - (Sorrindo) D'outras vezes...?

Clara - D'outras vezes não o entendo, e é, sobretudo, quando fala só para mim.

Daniel - Não me entende ?...

Clara - Não, não o entendo, porque não posso...porque não quero, porque não devo acreditar na verdade do que me parece entender.

Daniel - E quando lhe falei assim ? Diga-me.

Clara - Foi n'aquela noite de esfolhada, em casa de seu pai.

Daniel - E não me entendeu nessa noite ?

Clara - E queria que entendesse ?

Daniel - Decerto. Mas eu ainda sei quais são os meus deveres!

Clara - E como é que os cumpre então ? Se Pedro passasse por aqui, neste momento, e lhe abrisse os braços, como irmão que é, teria valor para o abraçar, diga ? Não fugiria antes dele como um criminoso ? Fale.

Daniel - (Curva a cabeça) Clara!

Clara - (Prosegue) Peço-lhe pela alma de sua mãi, que nunca mais me procure, que nunca mais me procure em parte nenhuma. Ontem ainda me ri eu dos avisos que recebia de Guida para me acautelar; hoje já não sinto vontade de rir. Tinha razão ela, tinha; agora o vejo; e este meu genio é que me podia perder. Se por mim não é bastante pedir-lho, peço-lho por seu irmão, por seu pai, por si mesmo que assim anda a perder o credito de um nome; que nenhum dos seus nunca deixou de honrar.

Daniel - Está sendo muito cruel para mim, Clara. Concedo que fui imprudente, inconsiderado, mas...confesso-lhe que á impressão que me causou o que me causa...

Clara - Senhor Daniel,eu não quero saber dos seus segredos. Deixe-me retirar.

Daniel - Pois bem,será esta a última vez que a procuro; que lhe falo até,que a vejo,se tanto exigir de mim; mas,ao menos desta voz, ha-de escutar-me.

Clara - Mas para que preciso eu escuta-lo ?

Daniel - Todos só têm palavras para me censurar, e ninguém ha-de ver um dia claro no meu coração ? Ninguém,melhor do que eu,conhece a fraqueza sujeita deste caracter,que não sabe lutar; mas o que eu não sei,o que eu peço que me digam,é o remedio para este mal. Clara,não procure fugir,sem ouvir-me. Retirar-se-ia supondo-me pior do que sou,como todos que me conhecem. Eu quero,ao menos que uma pessoa saiba a verdade a meu respeito. Escute. (Neste momento Clara volta-se como quem sentira gente pelo lado D.)

Clara - Vem gente! Jesus! que estou perdida! (E soltando-se do braço que Daniel lhe segurava,foge para a D. Daniel afasta-se para a E.,á frente da cena,buscando ocultar-se)

Cena 3ª

Daniel e João Semana

Semana - (Que ainda viu Clara) Ó Clara! Clarita! rapariga! ó pequena! Pschio! Eh! Onde vais com essas pressas. Não são os francezes,socega.

Daniel - (Aparte) Cortou-me a retirada. Não posso fugir.

Semana - (Que se aproxima da fonte,e olhando em torno de si vê o vulto de Daniel) Hum! Pelos modos o susto da rapariga era d'outra especie...Ha-de ser o Pedro. Olá! não fujas também,rapaz; não é crime nenhum vir falar assim com uma noiva; ainda que,para dizer a verdade,escusava de ser tanto ás escondidas,escusava. (Dirige-se para Daniel,que,vendo-se descoberto,toma a resolução de afrontar o caso)

Daniel - Boas noites,colega.

Semana - (Estremecendo primeiro de espanto) Ah! Ah! Você por aqui! Anda a fazer versos ?...

Daniel - Ou a inspirar-me para isso!

Semana - Não é mau o sitio,não. E ao mesmo tempo pode dar-se a estudos de quimica também; a água dessa fonte...

Daniel - Já me disseram que era medicinal.

Semana - É excelente.

Daniel - Para que molestias ?

Semana - Para muitas. Agora o que não sei é se para certos esvaimentos de cabeça também servirá. Bom era que sim,que anda por aí muito disso.

Daniel - (Fingindo não entender a alusão) Pois está aqui muito agradavel.

Semana - Ai o sitio é bom,lá isso é. E para a caça ?! Não gosta de caçar ?

Daniel - Alguma coisa.

Semana - Pois por estes montes há caça famosa. Ainda agora,quando ou vinha,fugia d'aqui uma...lebre e com uma pressa admiravel. Não a viu ?

Daniel - Não,não vi.

Semana - O que é ser poeta! Não se vê coisa nenhuma. Com os meus oiten-

ta anos vejo melhor. Pois é verdade; atravessou neste mesmo instante por esta rua e...ia jurar até que se escondeu ali,no quintal; pareceu-me vê-la escapar atravez d'aquela porta.

Cena 4ª

Os Mesmos e Reitor

Reitor - (Aparecendo por entre o pinheiral,no topo das escadas,que descem do outeiro) Tens boa vista,João; mas não tão boa que te não passe por alto um amigo velho.

Semana - (Virando-se e dando com os olhos no Reitor,que se sentara no tronco dum pinheiro derrubado) Que diabo fazeis vós ambos aqui ? E tu então do poleiro,abade ?

Reitor - É que isso aí em baixo é humido,como um charco,e eu não quero dar-te que fazer com o meu reumatismo,João. Mas eu desço, eu desço!

Semana - Não,não,deixa-te lá estar,deixa. Lá por isso...

Reitor - Não que vão sendo horas também...de me chegar até casa. Pois é verdade; (Apoiando-se na bengala,e descendo com vagar e cautelosamente os degraus); pois é verdade; estavamos nós aqui,eu,com o Daniel e a Clarita,a conversar...

Semana - Ah! bem me pareceu que era ela.

Reitor - Era ela,sim. Então que duvida ? Olha que sempre fizeste uma descoberta!

Semana - Mas para que diabo fugiu a rapariga,então ?

Reitor - Diz antes porque diacho não fugimos nós ? Mas o meu reumatico é que me não deixou. Quando me has de tu dar um remédio para isto,homem ?

Semana - É pregar com os ossos nas caldas,querendo. Mas,dizias tu,fugir ? Para que haviam de fugir de mim ?

Reitor - De todos. Quando se conspira...

Semana - Então vocês...?

Reitor - Conspiravamos,sim senhor. Aqui mesmo onde nos vê estavamos a combinar!

Semana - Que diabo era o que combinavam ?...

Reitor - Combinavamos...Que maldito costume que tu tens,João,de estar sempre com o nome do inimigo na boca!...Perdo-me esse geito.

Semana - Pois sim,sim; heide fazer por isso,apezar de que já vem um pouco tarde...Eu digo agora como aquele franciscano,a quem reprocendiam por,já de idade avançada,cair ainda na fraqueza em que Noé caiu: "Já agora heide morrer com isto,dizia ele; porque de duas uma: ou já estou condenado e então não sei que lhe faça; não vale a pena a emenda; ou não estou,e quem pode perdoar uma bebedeira de quarenta anos,não deve pôr duvida em perdoar a de meia duzia mais". Mas então em que combonavam vocês ?

Reitor - Combinavamos...(Fingindo arrepender-se,exclama) Mas é boa essa! Não me soube perguntar. Tu não devos entrar no segredo. A coisa é entre nós trez.

Semana - Homem,diz lá o que é. Que diabo...(O Reitor faz um gesto,ele emendando-se) Que S.Pedro de escrupulos são esses agora ?

Reitor - E a teimar! Sempre és um curioso!

Daniel - (Intervindo) Olhe,snr. João Semana,basta que saiba,e depois não pregunte mais nada,que estávamos preparando uma supreza a meu irmão Pedro para o dia do casamento dele.

Reitor - (Aparte) Desagrada-me tamanha presença de espirito. (Alto,em tom severo) Casamento que,se Deus quizer,hei-de brevemente abençoar. Estás agora satisfeito,João Semana! Pois é verdade, Daniel meditava grandes novidades para o dia do casamento do irmão,grandes festas para casa dele e da noiva,etc.,etc. Mas o seu projecto não mereceu,nem merece,a minha aprovação. (Fita Daniel,que baixa os olhos) Clara pensa como eu,mas esté homem é obstinado,e,talvez de tudo,teima em seguir a sua vontade; mas eu protesto que...

Daniel - Vejo que me não entendeu,snr. Reitor.

Reitor - Entendi,entendi,homem. E julgo que não acha a proposito entar agora em maiores explicações.

Semana - Mas então não podiam tratar disso em casa ?

Reitor - E a dar-lhe! Não há que se lhe faça! Homem,nós não queriamos que Guida soubesse nada disto,porque...porque...Mas fico por aqui,não digo mais nada. Segue,pois,o teu caminho,e apressa-te,que a Joana já ha de estar com cuidado pela tua demora.

Semana - E eu com vontade á ceia.

Reitor - Então,por que esperas ? Vai com Deus,homem.

Semana - Até ámanhã,abade. Adeus,Daniel. Olho lá você como se porta, rapaz! Juizinho...senão está mal servido com a sua vida. Lembre-se d'aquele fredo...

Reitor - Ai,se pegas a contar historias,não chegas a casa nem á meia noite.

Semana - (Virando as costas) Pois já não conto. -(Sai)-

Cena 5ª

Daniel e Reitor

Daniel - (Dirigindo-se ao padre) Senhor Reitor,foi providencial a sua vinda. Acredite,porém...

Reitor - (Com tom severo e digno) Basta! Não quero escuta-lo. Explicações não preciso,porque ouvi tudo; justificaçõesnão as tem, não as pode ter para dar. Boas noites!

Daniel - Mas...

Reitor - (Interrompendo-o,diz-lhe mui sécamente) Boas noites! (Daniel curva-se respeitosamente diante do Reitor e vai para sair pela D; o Reitor indica-lhe a E.) Por ali. (Daniel obedece) Agora vou ver se fecho para sempre a porta do aprisco á tontinha da ovelha que esteve em perigo de se tresmalhar! (Dirige-se para a Direita)

CAI O PANO

Fim do 2º Quadro e do 3º Acto

4º ACTO

(A cena é devidida quási ao centro,ficando no lado mais espaçoso o quintal da casa das pupilas. Do outro lado,a rua que vai perder-se ao F. O quintal é todo assombreado de árvores. Á E.,do espectador fica a casa que é rente do chão para aquele lado. No muro do quintal para a rua,há uma pequena porta. É ainda noite,mas vem já próxima a madrugada)

-:-

Cena 1ª

Daniel

(Só; aparece ao F. da rua,embuçado numa capa e caminha para a frente da cena,observando o muro do quintal) É tempo de me fazer outro homem. E poderei consegui-lo ? Este meu temperamento é de uma mobilidade! Pequenas causas fazem-lhe perder o equilibrio,que por momentos a razão consegue dar-lhe. Será pois isto em mim um mal incuravel ? Talvez o meu coração inda não experimentasse a tempera que tem de o fortificar; talvez em todo o caso deva lutar comigo mesmo. Mas não podia resignar--me á má opinião,que de mim conserva Clara ?...Precisava falar-lhe uma vez ainda para que me perdoe e me restitua a sua confiança,serei depois para ela um amigo sincero,um verdadeiro irmão. Há 8 dias,que reclamava incessantemente dela uma entrevista para esse fim. Prometeu-m'a afinal ontem. Virá ela ? (Põe-se de atalaia)

Cena 2ª

Daniel,Clara,dep. Guida

Clara - (Saindo de casa cautelosamente. Daniel está na rua) Ouvi-lo-hei! Acabará assim este constrangimento em que vivo. Que posso eu receiar ? A minha boa estrela não me abandonará. (Dirige-se lenta e cautelosamente para a porta do quintal)

Guida - (Aparecendo á porta; aparte) Eis a razão porque não consentio que eu hoje viesse fechar a porta do quintal. Tive logo este presentimento,mas eu vigiarei. (Encaminha-se para o F. e oculta-se por detrás das árvores)

Clara - (Abrindo a porta) Estou a tremer.

Daniel -(Que sentira o ruido da chave,aproxima-se da porta que se abre; ele entra,fechando logo a porta) Obrigado,Clara.

Clara - Foi uma grande imprudencia,de que já estou arrependida.

Daniel- Não tem razão,creia. Eu sou voluvel,imprudente,inconsiderado, conheço-o e odeio-me,quando me vejo assim; porém,não sou perverso,não sou capaz duma paixão vil,de uma traição infame... Queria que me acusassem de tudo,mas que não me suspeitassem disso,e muito menos Clara,que sei que é uma generosa rapariga, e muito menos o Reitor,esse homem honrado. Mas dirá: que importam as minhas intenções se dou lugar a que se diga,a que se possa pensar uma calunia. Se naquele dia ao pé da fonte, não fôra o Reitor,que se diria hoje nesta mexeriqueira terra...De mim digam lá o que quizerem...mas de Clara...

Clara - Se préza a minha reputação,prove-m'o,não tentando passos que podem dispertar a calunia. Para que teimou em falar-me mais esta vez ? Que tem,que pode ter a acrescentar aos juramentos e

promessas que me fez nas cartas,que estrategicamente me fez chegar ás mãos ?

Daniel - Sabia eu porventura se acreditava nas minhas palavras ?... Queria ouvir-lhe dizer que sim. Queria ter a certeza de que me não odiava,de que nao me desprezava.

Clara - Não o desprezo,nem o odeio.

Daniel - Merego-lhe então ainda um resto de afeição!...

Clara - A afeição de uma irmã.

Daniel - Só ?

Clara - Pois ainda! Já vejo que terei de arrepender-me do que fiz.

Daniel - Perdôe-me,Clara,tem razão em desconfiar de mim. Sou um louco. A paixão domina-me...Quero sufoca-la e não posso.

Clara - (Com dignidade) Basta,nem mais uma palavra. Sou a noiva de seu irmão,Daniel.

Daniel - Para que m'o lembra,Clara ?

Clara - Brevemente serei sua mulher. Não queira pois obrigar-me,quando o for,a priva-lo,se senhor,do afecto de irmã.

Pedro - (Aparece ao F.,cantando)

Este amor,que é minha vida,
Vida do meu coração,
Atrás do qual meus suspiros
E meus pensamentos vão.

Daniel - É meu irmão! Que fará por aqui a estas horas ?...

Clara - Trazido talvez pela mão de Deus para...

Daniel - Adeus,Clara; perdoe e esqueça mais esta imprudencia minha. Prometo-lhe que será a última. E de hoje em diante...

Pedro - (Que se aproximara do muro,e que denunciara suspeita) Quem anda aí dentro ? -(Silencio)-

Clara - Oh! meu Deus!

Daniel - (Baixo) Cale-se. Vendo que lhe não respondem seguirá o seu caminho.

Pedro - Se fossem ladrões,que haviam de fazer as pobres raparigas, neste sitio solitário e sem um braço de homem em casa para as defender.

Daniel - Que lhe dizia eu ? Não ouvindo resposta,retou-se.

Clara - Quem sabe ?

Daniel - Verá. Socegue. Não tenho mêdo.

Clara - Vá-se então,vá-se depressa.

Pedro - Pareceu-me ouvir uma voz de mulher. (Num tremor convulso,dispertando de uma idéia subita) Se Clara...(Leva depois maquinalmente a mão ao gatilho da espingarda que traz,e fica com olhar fixo e a respiração reprimida em frente da porta)

Clara - (Abrindo a fechadura da porta) Seja homem de bem! se preza o meu afecto de irmã. Foi para lhe dizer isto,só para lhe dizer isto,que consenti em ouvi-lo. Bem vê que seria uma loucura se continuasse; mais do que uma loucura,seria um pecado até. Agora espero que cumpra a sua promessa. Adeus!

Daniel - Adeus! E perdôe-me se não posso ainda dizer friamente esta palavra. Mas verá que saberei emendar-me. Obrigado pela confiança que teve em mim e...Adeus...(Envolvido na capa,sai da porta do quintal,apertando a mão de Clara que lhe estende de dentro)

Cena 3ª

Daniel e Pedro (na rua),Clara e Guida (no quintal)

Pedro - (Apontando a espingarda ao peito de Daniel e soltando um rugido aterrador) Alto,miseravel!...Pára,ou estás morto!

Clara - (Soltando um grito dilacerante) Ah! (Fecha instintivamente a porta e cai desmaiada. Margarida corre a Clara e arrasta-a para dentro de casa)

Pedro - (Caminha para Daniel,que recúa) Quem és ? Quero conhecer-te antes de te matar,infame. (Como Daniel busca ocultar-se cada vez mais,Pedro lança-lhe a mão,e com um movimento rápido,descobre-lhe o rosto,arrojando a capa ao chão,em que se envolvia. A aurora,que vem rompendo,ilumina o rosto de Daniel) Daniel! (Há um espaço de silencio,denunciando o rosto de Pedro a tempestade que se lhe forma no coração,deixando afinal ver que ainda conserva um raio de razão,e acrescenta em voz cava e abafada) Por alma de nossa mãi,Daniel,por alma de nossa mãi, sai d'aqui,se não queres que suceda alguma desgraça.

Daniel - (Articulando a custo as palavras) Ouve-me,Pedro; escuta-me...

Pedro - (No paroxismo da colera contraindo-se-lhe o dedo sobre o gatilho da espingarda) Daniel,foge,foge d'aqui,seme não queres perder!...Foge!...irmão!...

Cena 4ª

Daniel,Pedro e Reitor

Reitor - (Que aparecêra,e passando a mão sobre o hombro de Daniel,que ia para falar) Retire-se. Eu tinha previsto esta desgraça. (Pedro vai á porta do quintal,que tenta arrombar com a coronha da espingarda)

Daniel - Oh! (Faz um movimento para ir para a porta do quintal)

Reitor - (Sustendo-o com energia) Retire-se. (Em voz vibrante e exaltada) Não está ainda satisfeito com a sua obra ?...Quer acabar de perder aquela pobre rapariga ?...

Daniel - Mas ele vai matá-la.

Reitor - Estou eu aqui para velar por ela. Cabe-me esse direito que me foi conferido por sua mai no leito onde agonisava. Retire-se d'aqui e vá esperar-me na baixa do pinhal. (Daniel baixa a cabeça e retira-se. Pedro neste momento arremete contra a porta do quintal com verdadeira desesperação. A porta cede)

Cena 5ª

Pedro,Reitor e Guida

(Pedro entra no quintal,como um verdadeiro louco,e no mesmo instante, Guida,que sai de casa,impede-lhe os passos e lhe vem cair aos pés. O Reitor entra também e fica ao pé da porta contemplando atonito o quadro)

Guida - Pedro,Pedro,não cause,não queira causar a minha desgraça!

Pedro - (Recúa e passa da agitação do delirio á imobilidade do letargo,dizendo afinal como quem acorda de um sonho) Que é isto ? Margarida aqui ?!...

Reitor - Sonhaes ou!

Pedro - (Tremulo de incerteza e de esperança) Margarida - fale-me a verdade. Em nome de Deus,diga-me: quem estava com Daniel ?... Diga-me,diga-me tudo pelo Salvador. -(É manha,os aldeões,que

iam para o trabalho,atraidos pelo ruido aproximam-se da porta,e observam com curiosidade)

Guida - Oh! meu Deus!

Pedro - Quem estava aqui com Daniel ?

Guida - (Depois de uma angustiosa hesitação,com voz tremula,porém inteligivel) Era eu! -(Há um cusurro á porta,que faz estremecer Guida)

Pedro - (Alheio a tudo que o rodeia,ergue as mãos ao céu,e rebentando-lhe as lágrimas dos olhos exclama) Bemdito seja Deus! Sirva de remissão dos meus pecados o tormento destes poucos instantes!

Reitor - (Caminhando com rosto severo para Guida,que ainda está ajoelhada) Margarida! pois eras tu!...(Como ferido duma idéia subita) Não pode ser,não pode ser. (Aproximando-se dela e tomando-lhe o braço com energia) Que quer isto dizer,minha filha ? Que fazes tu aqui ?...

Guida - (Junta as mãos,e olhando para o Reitor com singular expressão,exclama) Peço misericordia!...

Reitor - (Sem tirar os olhos dela) Para que culpa,minha filha ?

Guida - Para a minha.

Reitor - Para a...entendo!...(Comsigo) E devo eu consentir que... (Fitando em Guida um olhar de bondade e respeito,a meia voz, acrescenta) Talvez que tenhas razão. Seja como quizeste, como Deus t'o inspira decerto. (Voltando-se para Pedro) E que tens mais que vêr aqui,homem ?

Pedro - Tenho que pedir perdão a todos.

Reitor - (Empurrando-o amigavelmente pelos hombros) Vai,vai. Deixa isso para outra vez. Não temos agora vagar para justificações.

Pedro - Mas,senhor Reitor...

Reitor - Então ? Vai para a tua vida,Pedro. E não me andes mais de espingardas,que são más companheiras. (Olhando para a porta) E vocês que fazem aí pasmados ?...Quem vos chamou cá ?... Não sois tão prontos para o trabalho. Andar! e ter cautela com a lingua. Ouviram ?...(Pedro sai cabisbaixo. O grupo dispersa-se)

Cena 6ª

Guida e Reitor

Reitor - (Levantando Guida,que se conservava de joelhos e quási exanime,diz-lhe comovido) Foi um sacrificio heroico,Margarida; para o qual,poucas teriam fortaleza.

Guida - Um sacrificio ?!...

Reitor - Sim,não é a mim que iludiste,filha,que te conheço bem e há muito. Vai ter com a verdadeira culpada,e...

Guida - Não a condene,snr. Reitor; o seu anjo bom não a abandonou ainda desta vez.

Reitor - Bem sei. Pois não te vejo eu aqui ?...mas vai,acaba a tua obra abençoada,confortando-a e chamando-a ao caminho do arrependimento. Eu também tenho a minha tarefa. E dou graças a Deus por ter permitido que os meus deveres paroquiais me obrigassem a madrugar. Até já,minha filha. (Sai na direcção que Daniel tomou)

Cena 7ª

Cena 7ª

Guida, depois Clara

Guida- E Clara ? Como estará ela!...Preciso ir vê-la. (Encaminha-se para a casa, mas neste momento aparece Clara á porta) Tu aqui! Que vens cá fazer ?

Clara - Venho ter contigo. Quando tornei a mim, chamei-te, chamei-te muitas vezes. Não ouvindo resposta, levantei-me, procurei-te por toda a casa. Não te encontrando, desci ao quintal. Ai, Guida, minha Guida! Tudo está acabado! D'hoje em diante todos me apontarão ao dedo e me chamarão uma rapariga perdida.

Guida - Que estás a dizer? Clarinha ?...Foi um mau passo que déste, foi; mas socega. Eu que te ouvi, sei que estás inocente.

Clara - Ouviste-me ?

Guida - Tudo. Eu sabia...Suspeitava a verdade.

Clara - Mas ele...

Guida - Ele...Pedro!...Nada sabe ainda.

Clara - Nada sabe!...Queres enganar-me, Margarida ? Pois não surpreendeu ele o...o outro, quando...

Guida - Mas ignora que fosses tu...

Clara - Então quem julga que era!

Guida - (Afastando a vista do olhar fixo da irmã) Não sei, mas...tenho certeza de que ele, não suspeita já de ti. O que é preciso é fazer agora por te alegrares para que, se ele vier por aí, não conheça ao ver o estado em que tu estás, a verdade, ou suspeite mais do que a verdade, que é ainda muito pior.

Clara - Guida, eu quero saber como isto é. Pedro soube que estava uma mulher aqui, no quintal. Se, como dizes, ele não suspeita de mim, de quem pode pois suspeitar ?...Guida, diz-me a verdade: Pedro julga-me inocente ?...

Guida - Julga.

Clara - Quem é pois, a seus olhos, a culpada!...(Margarida fica calada e confusa) Ele suspeita de ti. De ti! Margarida ? Pedro suspeitar de ti!...E pôde ter um pensamento...e pode imaginar que tu serias. - Atrever-se a acusar-te!...Ele ? Pedro!...Mas dize-me, Guida, dize-me: como foi ele isso ?...Quem lhe deu esse direito ?

Guida - Fui eu.

Clara - Tu!

Guida - (Quási risonha e afastando os cabelos desordenados, que cobrem a fronte da irmã) Sim, fui eu. Não lh'o poderia eu dar ?...

Clara - Entendo. Perdeste-te para me salvar. Limpaste com os teus vestidos a lama dos meus para me apresentares pura aos olhos do meu noivo, que com razão me supunha culpada ?...Entendo. Visto-me perdida, e fizeste como aquela creança que ha tempos se afogou para salvar um irmão da corrente; salvaste-me, mas afundando-te. E havia eu de consentir isto, Margarida. Tão má idéia fazias tu de mim para imaginares que eu te aceitaria nunca o sacrificio ?...Ó Guida, de mim, aceitarias tu um sacrificio igual ? Não, quero que Pedro saiba tudo, que me perdôe ou que me despreze depois; a uma ou outra coisa me sujeitarei; mas a sacudir sobre a tua cabeça a vergonha, que chamei sobre mim!... Oh! isso...

Guida - (Tomando-lhe afectuosamente as mãos, e num tom persuasivo) Ora escuta, Clarinha. Has-de primeiro ouvir-me com muito socego e muito juizo e depois dirás se eu tenho razão. Queres

Cena IX

Ulica Jasnej Gwiazdy

Wanda - I dlaczego ? Czyż nie kochasz ich?...Przecież ja wiem. (Przytula się do niej, ona tymczasem wyraźnie zapragnęła zostać z Jerzym) Co wydarzyło się tym razem ?

Klara - Widzę tu Wandzię. Dlaczego wcześniej nie przyszłaś ? Mieliśmy wesołe popołudnie. Jak dobrze, że jesteś. Idę do przyjaciółki, dowiedzieć się czegoś o Jerzym. Ale ja się denerwuję! Tyle złej krwi narobił! Dzisiaj po raz ostatni. (Wychodzi)

Wanda - Czy nadzieja w dzieciństwie ?...Wtedy nie ma przed nią żadnych przeszkód. Co ona z nami zrobi, czy nas zabije lodowato.

Jerzy - Chyba tak ?

Wanda - Tato, ja nadal...Jesteśmy z wami.

Jerzy - Nie mów...

Wanda - Tak...Tato!...Jesteś moim ojcem.

Jerzy - Tak jakby...Czasem wydaje mi się, że jestem tylko jej ojcem...Ona ma dla mnie...O jedno marzenie.

Wanda - Ona zawsze ma tysiące.

Jerzy - Tutaj jest inaczej.

Wanda - (Obejmuje z czułością ojca) Nie wiedziałam, że tak ją kochasz.

Jerzy - Ona jest moją córką. Ja ją stworzyłem. Ona jest częścią mnie. Ona ma dla mnie znaczenie. Ona jest moją córką. Ona jest moją córką. Ona jest moją córką

contar a verdade a Pedro,dizes tu. Que fazes com isso ?... Torna-lo infeliz,fazes que entre ele e o irmão exista sempre daí por diante,um motivo para aversão; e a ti,que amas Pedro, apezar de uma leviandade de momentos,e a mim,que te amo,e a nós ambos,a todos vais fazer infelizes...Eu que posso perder em que Pedro continue na mesma suspeita ? Se ninguém mais tem ?...(Baixando os olhos,como quem reconhece que mente) Ele não é espaz de o divulgar. E depois olha,Clarinha,quem nunca pensou em grandes futuros,não tem que ter saudades de projectos desfeitos. Eu já não formo projectos há muito,acredita. Cansei-me. Mas tu minha pobre irmã,que ainda fazes tantos projectos,não te custaria a perder o mais risonho de todos. De mais a mais eu tenho uma divida antiga a pagar-te,e não socego em quanto a não pago. Lembras-te quando me vinhas ajudar nas tarefas,e repartias comigo a tua ração de merenda ?...São serviços que nunca esquecem. Deixa-me pagar-t'os da maneira que posso. Se soubesses como é uma consolação para os pobres achar um meio de saldar as suas dividas! Então,vamos,prometes não dizer nada'.

Clara - Guida! Guida! O que me pedes é impossivel. Seria um grande pecado,se eu deixasse,assim a outra expiar o erro,que é todo meu.

Guida - Clarinha,não vês,que d'outra sorte,causas a desgraça de tantos? (Clara leva as mãos ao rosto e encosta-se silenciosa ao peito de Guida)

Cena 8ª

As Mesmas,o Reitor e Daniel,na rua.

Reitor - (Empurrando a porta) Licença para dois.

Clara - É o snr. Reitor! Não quero que me veja. Tenho médo e vergonha! (Foge para dentro de casa)

Guida - (Vendo o Reitor que entrara primeiro) Licença para dois ?... Pois quem nos traz consigo ? (Vendo Daniel que entra; vem palido,Guida aproximando-se tremula do Reitor) Que foi fazer?

Reitor - Deixe-me. Fiz o que entendi. (Voltando-se para Daniel que ficara como envergonhado ao pé da porta) Entre,Daniel,entre. Aqui tem a santa,a corajosa rapariga,que...

Guida - (Suplicante,ao Reitor) Senhor!...

Daniel - (Dando alguns passos) O snr. Reitor contou-me tudo. (Fixando em Guida um olhar de simpatia e respeito) O que ha-de dizer o irmão ingrato e perverso,á irmã sublime e generosa ?

Guida - (Vencendo a comoção e com aparente firmeza) Senhor Daniel,esses cumprimentos não são de ocasião,nem eu sou para eles. Coisas mais sérias nos devem agora ocupar. A felicidade de duas pessoas está-nos confiada; está de alguma sorte nas nossas mãos. Uma palavra só a pode perder,bem o sabe. É preciso que nós todos trez tratemos de segurar-lh'a. Por mim,fiz o que estava no meu alcance. Mas não de ao sacrificio mais valor do que o que ele tem. Eu pouco tinha a sacrificar além da paz da consciencia. Essa já ve que a conservei; o mais...

Daniel - A paz da consciencia! Foi essa mesma que eu perdi e perdi-a para sempre.

Guida - Não diga isso. Pedro ignora tudo. É o principal. Socegue pois. O snr. Daniel ha-de continuar a gozar da estima de todos,dos que mais ama e...ninguém haverá sacrificado.

Daniel - Esqueceu-se de si, Margarida. E julga que a podem ou devem esquecer os outros ?

Guida - Os outros ?...Quando eu me não queixo, ninguém tem o direito de me lamentar.

Reitor - Ai, Margarida, filha. Olha que até aos infelizes, até na desventura, é um pecado o orgulho, sabes ?...

Guida - Orgulho, snr. Reitor ? Ai, creia que não sinto. Orgulho de quê ? Mas é que de facto ou pouco tinha a sacrificar e pouco sacrifiquei. As vozes do mundo...será orgulho isto, será - mas é certo que não penso no que diriam. Agora permitam-me que vá vêr Clara, sim ?

Reitor - Porém, Margarida, eu sou teu tutor, assim como de Clara; quero-te como pai, e não posso, não devo consentir que o castigo caia sobre a cabeça inocente, sobre a tua cabeça, filha. É contra a justiça, é contra a religião.

Guida - (Sorrindo) Inocente! Que está a dizer, snr. Reitor ? Quem é inocente neste mundo ? Deixe, deixe cair em mim isso que chama castigo, que encontrará pecados a remir; e quizesse Deus que m'os remisse todos.

Reitor - Ainda assim...Eu nem sei o que faça. Valha-me Nossa Senhora, valha! Sempre é uma, esta! (Olhando para Daniel, como pedindo-lhe auxilio)

Guida - Siga o seu primeiro pensamento, que foi o de ajudar-me.

Daniel - (Aproximando-se de Guida) Margarida, essa resolução não é tão unicamente de sua responsabilidade, como diz: sacrifica-se a sorrir, mas não repara que alguém mais pode sentir o sacrificio.

Guida - Quem ?

Daniel - Eu!

Guida - Como ?

Daniel - Que se dirá de mim, do meu caracter, vendo destruida por minha culpa a sua reputação, Margarida, e eu ocioso, tranquilo, descuidado, feliz ?...Pois não vê que a unica maneira é... Eu sei que sou indigno de aspirar a tanto, mas perdôe-me, a unica maneira é não me recusar a reparação que lhe devo; permita-me que reuna ao seu o meu destino, já que a Providencia...

Reitor - (Batendo com a bengala no chão) Bravo! Isso mesmo é que eu tinha aqui dentro a pezar-me; até que emfim respiro!...

Guida - (Que estremecêra e levára instinctivamente as mãos ao coração como se fôra ferida aí, ao ouvir Daniel, mas vence a sua comoção, e diz com voz tremula ainda) Obrigada. É generoso o oferecimento...mas não posso aceita-lo.

Daniel - Que diz! -(O Reitor passa do jubilo ao espanto)-

Guida - Pois queria que aceitasse ?...Aceita-lo-hia se estivesse no meu logar ? diga. Qual será maior martirio: sofrer as murmurações, as injurias, os desprezos até, de milhares de pessoas que, afinal de contas nos são indiferentes, ou aceitar a compaixão de quem nos é...de quem nos devia ser tudo no mundo ?...D'aquele a quem teremos de dar todos os afectos, todos os cuidados, todos os pensamentos ?...Imagina bem esse martirio ?...

Daniel - Mas, Margarida, quem lhe disse que é por compaixão que eu lho faço o oferecimento ?...Se o aceitar, creia que o agradecido serei eu.

Guida - (Com severa amargura) Se essas palavras fossem sinceras, snr.

Daniel,era bem certo então que possuia um desgraçado caracter! Receio sempre de si,desses primeiros movimentos a que obedeço tão depressa. Já que é tão facil em mudar,ao menos faça por ser mais forte contra si mesmo. Vença-se. Não está ainda vendo o mal que pode fazer assim ?

Daniel - Tem razão em duvidar de mim. O meu passado condena-me,porém, talvez seja injusta demais para comigo. Julga-me capaz de...

Guida - Perdão; não julgo,não tenho direito para julgar,bem sei. Em todo o caso não posso aceitar.

Reitor e Daniel - Margarida!

Guida - (Impaciente e nervosa diz com vehemencia) Não,não posso aceitar. Nunca me julgaria mais deshonrada e perdida,do que quando aceitasse uma proposta como essa,feita por outro qualquer motivo,que não fosse a força do coração.

Daniel - Mas se eu lhe juro que o meu coração...

Guida - Oh! não diga mais!...Até me faz mal ouvir esses juramentos; lembra-me os que fazia ainda agora a Clara. Reparo no que ia dizer; assim abre o coração a quem momentos antes não conhecia sequer ?

Reitor - Não há tal,dize tu,que desde criança já te conheço ela,e até...

Guida - Oh! por quem é!...Por quem é!....O que ia a dizer!

Daniel - Margarida,perdôe se a consciencia das minhas culpas...e acredite que a estou sentindo bem amarga,mas perdôe-me se ela me não constrange ainda ao silencio. Eu vejo que tem razão para duvidar de mim; mas será só isso ?...Porque não confessa também que recusa porque,sentindo insensivel o coração,desconfia dele igualmente ?...

Guida - (Com leve ironia na voz) Desconfiar do meu coração! Mas...é que não desconfio!...

Daniel - Então ?...

Guida - Conheço-o,e o que sei dele,como o que aprendi do seu,senhor Daniel,levam-me a recusar.

Daniel - Quer dizer que me não pode amar ?

Guida - (Profundamente impressionada,e procurando disfarçar,mas sem poder quási sufocar a dôr) Sim...julgo que sim. Eu desconfio que nem tenho coração ? Eu sei lá! (Com um doloroso sorriso) Não o sinto bater,pelo menos. Bem vê que não devo aceitar. Adeus! -(Sai.)-

Cena 9ª

Daniel e Reitor

Daniel - Chegou talvez para mim o momento de castigo.

Reitor - (Olhando para ele,admirado) Que está a dizer ?

Daniel - Que talvez àquelas mãos,das quais até hoje só tem saído o bem,vá Deus confiar a arma de uma vingança cruel. Sinto que a amo.

Reitor - (Denunciando alegria intima) Tu! Deveras ? e posso eu fiar-me!...Vê lá...porque então...(Com austeridade severa) Ai de ti se mentes. Deus não te absolvia...nem eu!

CAI O PANO

Fim do 4º Acto

5º ACTO

1º QUADRO

(A mesma cena do 1º Acto)

Cena 1ª

Reitor e Guida

(Ao levantar do pano,entra o Reitor pela E.,dirige-se para casa das pupilas,cuja porta se abre neste momento e donde sae Guida)

Reitor - (Vendo-a) A onde vaes,Margarida ?
Guida - Vou ver o meu mestre que está pior...muito pior...
Reitor - (Descendo com ela á boca da cena) Só um caso grave te obrigaria sair a esta hora...que é a hora das lições ?...
Guida - Das minhas lições...(Com tristeza) Hoje não dou lição...
Reitor - Porquê ? É dia santo ?
Guida - As mães das minhas discipulas quizeram dar-me tempo para o arrependimento e para a penitencia. Julgo que lhes chegou aos ouvidos o escandalo do quintal e dispensaram-me dos meus serviços.
Reitor - (Batendo com a bengala no chão) Mas isso é indigno!...Isso é... é...Ora deixa estar que eu as ensinarei.
Guida - Para quê e porque!?...Eu já esperava por isto. De que se admira ?...Porque as censura ? Então não era da sua obrigação fazer o que fizeram ?...
Reitor - Margarida,isto é demais! É preciso dar-lhe algum remédio ou então...
Guida - E aí voltamos á nossa demanda. Não sabe já que não há melhor remédio a dar-lhe ?
Reitor - Há-de haver,isso é que há-de haver por força,que t'o digo eu. Tu estás a obrigar o teu coração a coisas,que não são para corações humanos. Hás-de acabar por o esmagares. Sabe Deus o que elo padece já!
Guida - Ora diga,quando o coração padece,pode-se estar a sorrir como eu ? Ve ?...
Reitor - Terás coragem para,olhando bem para mim,me afirmares que ainda hoje não choraste,quando eu te estou a ver as lágrimas nos olhos ?...
Guida - É certo. Chorei.
Reitor - Ah!
Guida - Mas de saudades. Cerrou-se-me o coração de tristeza ao pensar que me separavam d'aquelas crianças,que todas me queriam,que eu via crescer,que eu ensinava a falar. Mas...paciencia! A tudo se costuma o pensamento e dentro em pouco...
Reitor - Nada nada...não entendo eu isso de tal forma. Tudo tem seus limites. Isso agora bole-me com a consciencia. Eu vou preguntar a essa gente...
Guida - O que lhe vae preguntar ?...
Reitor - O que significa este desaforo! Quero lançar-lhes em rosto os seus escrupulos patetas e estupidos. Olhem as presumidas! E cuidas que tua irmão sabendo d'isto...
Guida - Clara não o saberá. Para que o ha-de saber ? Tinha saído,quando eu recebi recado dessa pobre gente. Eu lhe direi...
Reitor - Que lhe hás-de tu dizer ?
Guida - Qualquer coisa...o que me lembrar. Dir-lhe-hei que estou cansa-

da desta vida afinal; que lhe dou agora razão...e que aceitarei...a caridade...de minha irmã.

Reitor - A caridade! Quem fala de receber caridade ? Tu,que foste prodiga de beneficios ? Tu,que despojaste a tua capa,para cobrires com ela os hombros nús de tua irmã ? Ai,Margarida,que é isso menos abnegação,que é orgulho já. Não,d'esta vez não cederei. Vae,filha,vae ver o teu mestre,mas espera lá por mim. Irei buscar-te. Quero que atravesses logo a aldeia pelo meu braço.

Guida - Então até já. (Beija a mão do Reitor e sai)

Cena 2ª

Reitor,depois Daniel

Reitor - Se ela aceitasse ainda o oferecimento de Daniel!...Remediava-se este enredo assim!...Seria talvez uma providencia para o rapaz. E eu iria mais descançado desto mundo,a dar contas de minha tutela no outro aos paes das raparigas. Mas lá se Margarida tem os seus escrupulos...e a falar a verdade,com alguma razão. Aquilo é uma santa. Coração possue ela mas para caridade, que não para amores. Paciencia. (Voltando-se e vendo Daniel) Por aqui ?

Daniel - O senhor Reitor! (Indo a elo)

Reitor - (Que lhe apertara a mão) Treme-lhe a mão! Que tem ?

Daniel - Lembre-se do que eu lho disse ontem,snr. Reitor ?

Reitor - E então ?

Daniel - E então! É que eu tenho um pressentimento de que se um dia se ateiar em mim uma paixão violenta e fatal e tiver de ser repelido,sucumbirá com ela este coração,que...

Reitor - Ora adeus! Sabe os objectos que se partem,batendo de encontro ás rochas ? São os fortes e rijos,porque os outros,os moles,o mais que podem é tomar nova forma; quebrar é que não quebram; e o seu coração é de umas cranduras...

Daniel - Reconheço que o meu passado não me dá o direito de ofender-me da ironia,custa-me até entrar de novo em uma justificação,que só me vale sorrisos,mas...

Reitor - (Sorrindo) Mas,ainda assim,sempre vae tentar mais uma vez. Ora ande lá.

Daniel - Ouça-me. É uma triste confissão para o meu orgulho,a que vou fazer mas é verdadeira. Há muito que tenho este pensamento. É por certo arriscado para qualquer mulher confiar a mim o seu amor menos num caso,que até aqui se não dera comigo.

Reitor - Então,qual é esse caso ?

Daniel - É se ela conseguir dominar-me; se a meus olhos se conservar sempre a uma altura que de á paixão,que me inspirar a natureza dum culto. Há caracteres para os quaes isto é uma necessidade. De ordinario todos os meus esforços são despojar,desse prestigio que me enleia,a mulher a quem amo; porém,desde que o consigo,já não respondo por mim. Sei-o por experiencia. Mas provia-o há muito tempo,se me encontrar com uma destas naturezas superiores,para as quaes nunca se extingue o explendor que as rodeia hade fixar-se este coração voluvel,e não haverá para elas o risco de que das minhas afeições lhes possam resultar lágrimas.

Reitor - E conclue d'aí ?

Daniel - Que margarida nada podia recear do meu amor. Eu que duvidava já que viesse a amar sériamente um dia,porque me julguei superior a todo o predominio,hoje...

Reitor - Hoje,mudou de opinião ?

Daniel - E mudei,creia-o. Nunca me conheci assim. Não sei porquê,sentia ao ouvi-la,reviver todo o meu passado a parte mais pura dele.

Reitor - Sei eu.

Daniel - Depois que a vi foram sensações novas para mim as que experimentei. Eu que por tantas vezes e a sorrir tenho dado passos na vida,que fazem recear os mais audazes; eu,que para ser arrojado, não careci nunca de forte impulso de uma paixão,pois me bastava o simples estimulo de um capricho; hesitei ontem como vio,ao fazer a proposta,a que o dever e o coração me impeliam,hesitei de timidez como se fosse um sacrilegio da minha parte. Depois ao receber aquela recusa pareceu-me sentir escurecer-se-me o futuro,e,pela primeira vez na minha vida,senti-me desalentado com este mau exito,em vez de encontrar n'ele incitamento para persistir como tantas vezes o tinha encontrado.

Reitor - Desconfio dessas impressoes subitas e violentas,desconfio. Margarida tem razão. Eu próprio já me não atreveria a aconselhar-lho o contrario. É melhor deixarmo-nos guiar pelas inspiraçóes d'aquela alma de anjo.

Daniel - Mas se eu a amo ?

Reitor - (Encolhendo os hombros) Paixão de 15 dias!

Daniel - Ai,não. Sinto-me seguro desta voz a jurar-lhe...

Reitor - Não jure,não jure nada,homem de Deus,que almas de outra tempera que não é a sua,tem falhado depois de o jurarem. Lembre-se do que diz o Evangelho: -"Seja o vosso falar,sim,sim,não,não. Porque tudo o que seja d'aqui passa procede do mal!"- Se não perder a ideia desse amor,trabalhe por merecê-lo; mas não faça juras. Que se alcançar aquele coração,grande riqueza grangeia, isso lhe afirmo eu. E não tenha escrupulos de se deixar dominar,que melhor é a cabeça da Margarida,do que...Mas que fazemos ainda aqui ?...Ainda hoje não falou a seu irmão ?...

Daniel - Ainda não.

Reitor - Vá então ter com ele. E veja como se porta. Não entre em grandes explicações. Abrevi-as quanto puder; que é o mais prudente. Até logo. (Ao virar-se dá com os olhos em João da Esquina,que aparece á porta da loja de colarinhos altos e com o fato dominguoiro) Olá! o snr. João!...Safa!...que luxo de vestuario!... É hoje dia de festa ?...

João - (Olhando de revez para Daniel) Talvez o seja para alguém. O que fôr soará. (Os dois retiram-se,cada um para seu lado)

Cena 3ª

João da Esquina,depois José das Dornas

João - Parece-me que o maroto do cirurgião novo fez que me não vio. Mas então é de propósito que ele nao aparece cá por casa há mais de oito dias. Deixa estar que as não perdes. Julgava talvez que ficava assim! Eu te direi se foi impunemente que fizeste versos á filha,e receitaste arsénico ao pae. Arsénico,heim! Bem dizia minha mulher que era,tempo de dar o grande passo. Ora vamos lá até casa do snr. José das Dornas. (Encaminha-se para o seu destino,é detido pela entrada de José das Dornas)

José - (Entra cantando) Ai la ri ló ló la.
Eu vou pela mansidão!
Olá! Viva o snr. João! Ditosos olhos que o veem.

João - Muito obrigado. Ia agora mesmo a sua casa,snr. José.

José - Então a que milagre devia eu a sua visita ?

João - A um negócio muito sério.

José - (Aparte) Temos empréstimo. (Alto) Muito sério! O caso é que você tem cara de funeral. Ah! Ah!...

João - Tenho pouca vontade de rir,snr. José.

José - Mau é isso. Então que diabo o aflige ?...Desembuxe para aí. Olhe que eu sou homem para as ocasiões. A sua filha está peor ?

João - (Com intenção) A minha filha está boa.

José - Boa! Com que então logo á primeira...heim ?...O meu Daniel saiu-se como um homem.

João - (O mesmo) Saiu-se optimamente.

José - Olhe que me tem esquecido emprestar-lhe o livro do meu rapaz,aquele em que eu lhe falei - mas logo lh'o mando.

João - Não tenha incomodo. É de outra obra de seu filho,que eu lhe quero agora falar.

José - D'outra ?

João - (Tirando do bolço um papel côr de rosa e pondo-o diante dos olhos do lavrador) Ora faça favor de ler isto.

José - Mas isto que é ?

João - Leia e verá.

José - (Que tirou do bolço umas cangalhas que põe no nariz) Trigueira! (Olhando espantado para o tendeiro) Trigueira! Que quer isto dizer!...

João- Homem,leia,leia,que o saberá.

José - (Lendo) Trigueira! Que tens ? Mais feia
Com essa côr de imaginas ?
Feia,tu,que assim fascinas
Com um só olhar dos teus!
Que ciumes tens da alvura,
D'esses semblantes de neve,
Ai! pobre caboço leve!
Que te não castigue Deus!
Ó visinho,mas isto...(A um gesto do tendeiro,continua)
Trigueira! Porque és trigueira
É que eu assim te quiz tanto.

João - Repare,snr. José. "É que eu assim te quiz tanto". Vá reparando.

José - (Continuando) D'aí provém todo o encanto
Em que me traz esse amor.

João - Este amor,este amor!

José - "Este amor..." é verdade..."Este amor..." Lá está. Homem! Basta de leitura.

João - Mais um bocadinho...só mais um bocadinho.

José - E acabou. E suspiras e murmuras,
Que mais desejavas ainda ?
Pois serias tu mais linda,
Se tivesses outra cor ?
Puff!...(Limpa o suor)

João - Leu ?

José - Sim,senhor. Estão bonitos. São seus,snr. João ?

João - Meus! Isto é,mas é uma receita do nosso médico novo. Outra das lembranças do snr. seu filho.

José - Do...do meu...do Daniel ? Pois o rapaz fez isto ?

João - Era com essas e outras,que elo andava a tratar a minha filha. O culpado fui eu que lhe dei entrada em casa.

José - Ó visinho,por quem é,não ande por aí a dizer essas coisas,que me desacredita o rapaz. Olhem se o João Semana o sabe! Um médico poeta! Para que diabo lhe havia de dar.

João - A boas horas! Já toda a gente o sabe. Que faça versos á lua e ao sol se quizer,não ha-de tirar d'isso grande proveito,mas que os faça,que os faça; agora andar a inquietar familias e...

José - Tem razão,visinho,tem razão e eu lhe prometo...
João - Abusar da confiança de um homem como eu!
José - Tem muita razão,visinho.
João - Fazer andar á roda a cabeça de uma rapariga de juizo!
José - (Ingulindo em sêco) Tem toda a razão,visinho.
João - É um desafôro!
José - Não o nego,snr. João,não o nego.
João - Não é homem em que a gente se fie.
José - A falar a verdade,não é,não,não é.
João - É forçoso uma satisfação. O visinho sabe o que são as bocas do mundo ?...
José - Sim; e depois ?
João - O que são as linguas chocalheiras ?
José - Sim. E d'aí...
João - O que são...
José - Vamos,adiante.
João - Pois bem; para as fazer calar,é preciso...
José - É preciso o quê ?
João - É indispensavel...
José - (Impaciente) O quê,snr. João ?...O que ?...O que é necessário ?...
João - Que seu filho...
José - Que meu filho ?
João - Case...
José - Com a sua filha,não ?
João - Está bem de ver.
José - Ai la ri ló ló la.
Eu vou p la mansidão.
E era para isso que se dava ao trabalho de ir lá a casa ? Ora olhe,snr. João,nós somos conhecidos antigos e eu macaco velho,como deve saber,que já me não deixo levar por essas. Aqui para nós: porque não tapou o visinho da mesma forma as bocas do mundo,que tanto falou do derriço de sua filha com o filho do sineiro! Porque se lhe não deu qie elas tagarelassem,por ocasião da festa do Coração de Jesus,quando o Bento do padeiro não tirou os olhos dela,e ela d'ele,durante toda a santa festa ? Porque fez ouvidos de mercador quando o snr. Padre António lhe disse que casasse a rapariga com o Chico sapateiro,para não dar que falar á cegueira em que ela andava com ele ? Ai,então não quiz,nem lhe importaram as linguas chocalheiras ? Chegaram-lhe agora as feores. Pois veio bater a má porta. Socegue. Não tenha susto. Homens que fazem versos não são os peores. Contentam-se com isso. Sabe que mais ? Mete a viola no saco; retoza a corda á cachopa e deixe correr.
João - Isso não é resposta que se dê,snr. José.
José - Não se zangue,snr. João; amigos como d'antes. Pensemos em outra coisa. Está um tempo muito creador.
João - Sr. José,isto não vae assim.
José - Não me mortifique,snr. João; para que não vá peor. Os milhos...
João - Senhor José!...
José - Não berre,visinho.
João - Eu quero vêr...
José - Pois abra os olhos. E sabe que mais,tenha saúde. (Retirando-se tranquilamente)
João - Serei prudente. Resta-me a consciencia que fiz o meu dever. Mas o mundo saberá quem é o tal cirurgião das duzias. (Durante esta cena tem atravessado alguma gente a cena; algumas crianças andam no largo)

Cena 4ª

João da Esquina o João Semana

Semana - (A um camponez,que sentado numa pedra,está comendo o jantar numa tigela) Bom proveito,amigo.
Camponez-É servido hoje do meu jantar,snr. João Semana ?...É pobre,mas dado com a melhor vontade.
Semana - Obrigado,tio José das Bicas. Vou ver se lá em casa a Joana tem também o meu caldo em bom andamento.
Camponez-Então vá com a graça do Senhor,vá,que o calor não se sofre.
Semana - Está picante,está. E como vão os seus milhos,snr. José ?
Camponez-Ora...nem me fale n'isso. A soqueira é muita.
Semana - Veremos se para a lua nova haverá mudança de tempo. (Vendo uma mulher que ia para atravessar o largo) Bons dias,tia Rosa ? Então como vae lá o seu velho ? Fero e rijo,haim ?
A Velha -Muito agradecido a V.Sª. Está fraquinho ainda,e por isso...
Semana - Pois que saia,que saia. É preciso também trabalhar para deitar fóra as molestias. Nós não podemos fazer tudo. Que passeio,diga-lhe que passeie. O mais que lhe pode acontecer é que deem com ele as moças,mas d'isso não se morre.
A Velha- Já não está em idade para tanto,snr. Doutor.
Semana - Fie-se n'ele,fie-se n'ele; olhe que ão os piores.
Uma Rapariga - (Que sai da casa pobre que fica no 2º plano; traz o fato remendado,e vem afflicta) Muito boas tardes,snr. João Semana.
Semana - Que temos lá,Maria ? Alguma novidade ?
Rapariga-É que...
Semana - Fala; daspacha-te,que vou com pressa.
Raparuga-É que me esqueci do que me disse d'aquele remédio para minha mãe,o...
Semana - Então onde diabo tinhas tu o juizo,gaio doido ?...Ai,que vocês andam-me com essas cabecinhas não sei porque terras e eu que vos ature depois. Aposto que te lembras melhor do que te disse ontem o teu conversado ?...
Rapariga-Ora o snr. João Semana tem coisas!...É que não sei se o remédio era todo para uma vez,ou...
Semana - É o que eu digo,é o que eu digo. Estouvada! Cabeça no ar! Quantas vezes te repeti que era para 3 porções!!...
Rapariga-E há-de ser distante das comidas que...
Semana - Pois não te expliquei cadeça do bogalho,que era para lh'o dares meia hora depois das comidas. Que tinhas tu nos ouvidos ?
Rapariga-Muito agradecida,snr. João Semana; o perdôe por as almas,mas... a gente tem tanta coisa na cabeça...
Semana - Valha-te uma figa. Olha cá,ó Maria. Ouves. (A Rapariga volta-se) Então que diabo é isso ? Porque choras tu ?...
Rapariga-Nada,snr. João Semana; é cá a nossa vida.
Semana - Quanto te levou o boticário pelo remédio ?
Rapariga-Seis vintens.
Semana - E...diz-me. E mataste hoje a galinha para tua mãe ?...
Rapariga-Dei-lhe o resto de ontem.
Semana - E para ámanhã ?
Rapariga-Para ámanhã...(Fica embaraçada e triste)
Semana - (Que mexera nos bolços do colete,olhando em roda como se receasse ser observado,introduz uma moeda de prata na mão da Rapariga) Toma lá. Olha agora se te põea para aí a dar á lingua como de costume. Aflige bom tua mae,afligo!...(A Rapariga quer tomar-lhe as mãos para beija-las) Larga,larga,não me venhas com essas coisas,que eu não sou para isso. (Afastando-se) Excelente

vida! Lucrativa clinica! Rendeu-me esta consulta ? Quem não ha de fazer casa assim ?...(Vai para se retirar e é detido por dois pequenos) Que temos nós,pequenada ?

Um pequeno - O nosso Luiz está doente,e a mãe manda pedir ao snr. Dr. para o ir ver.

Semana - Está bom,lá irei de tarde,e como está tua mãe ?

Um pequeno - A mãe diz que está melhor; mas ela chora tanto...

Semana - Tens razão,Manuel,em duvidar da saúde dos que choram. Pois eu verei isso. Vá,ide jantar,e fazei rir vossa mãe,que é meia cura já. (Afaga o rosto do pequeno e sai)

Cena 5ª

João da Esquina,depois Sacristão,depois Jornaleiro

João - (Que entrára na loja,e que aparecêra novamente á porta) Ainda não tive animo para ir dar conta da embaixada a minha mulher ? Quem aturará a senhora Tereza ? (Vendo o sacristão) Ora,aqui vem quem nos traz novidades frescuinhas.

Sacristão - O snr. João é que m'as devia dar,pois está mais perto do sitio onde elas ferveram. (Veste de sacristão de aldeia)

João - Não te entendo,Joaquim. Então que há ?

Sacristão - Então deveras não sabem o escandalo da noite passada ?

João - Nao. Que houve ? Conta lá isso,Joaquim,conta lá.

Sacristão - O filho aqui do seu visinho...o Doutor novo,está para o levar o diabo.

João - Mas como foi isso ?

Sacristão - Foi o irmão,o Pedro,que esteve para o matar.

João - Ora,contos!...

Sacristão - É o que eu lhe digo. A mim contou-me esta manhã a tia Brazia á missa primeira,que o Pedro pilhou o irmão a sair de casa das do Meiadas e disparou contra ele a espingarda. A tia Brazia afirmou-me que tinha ouvido o tiro.

João - Agora me lembra que também ouvi um tiro esta noite. E matou-o ?

Sacristão - Não,não o matou,mas julgo que o feriu.

João - Não se perde nada. Mas ora com a Clarita,então ?...

Sacristão - Pelos modos era com a Margarida,ao que dizem...eu por mim inclino-me que era com ambas.

João - Com a Margarida. Pois com aqueles ares de Senhora da Soledade...aqueles ares de santa...

Jornaleiro- (Que se apróximara) Houve mosquitos por corda esta noite lá para as minhas bandas,houve.

Sacristão - Ah! também já sabe ?

Jornaleiro- Ora se já sei! Pois eu não estive lá ?

João - Ai,pois vio ?

Jornaleiro- Eu tinha chegado de fóra,havia meia hora. Estava a minha patroa a fritar-me uns ovos. - É verdade,ó seu João,que diabo de azeite me deu vocemecê o outro dia,que nem á mão de Deus padre se pode levar ?...

João - Homem,pois ninguém se me tem queixado d'ele. É você o primeiro.

Jornaleiro- Eu não sei que lhe acho,sabe-me a chapeu velho,o maldito. Mas estava lá a minha quiteria ao lume,eis senão quando eu ouço uns gritos de:-"Aqui d'El-Rei ?!..."

João - Então eles gritaram:-"Aqui d'El-Rei ?!..."

Jornaleiro- Que os ouvi eu,sim senhor. Puz-me logo na rua,segui o caminho,e cheguei á porta do quintal das raparigas. Estava lá o Pedro do Abade,o João das Pontes,o tio Gaudencio das Luzes...

"Ó tio Gaudencio,digo-lhe eu,que é isto aqui ?" - "Olhe,diz-me ele, E vai eu olho e vejo o Pedro das Dornas com uma espingarda na mão,e o snr. Reitor ao pé dele,e no chão uma mulher.

João - Morta ?

Jornaleiro - Morta,não senhor. A mulher estava viva.

João - Era então a Clara ?...

Jornaleiro - Nada,não era; era a irmã,a mestra. Eu bem a vi.

Sacristão - (Vendo aproximar-se Josefa da Graça) Aí vem,snr. João,quem nos póde dar informações exactas.

Cena 6ª

Os Mesmos,Josefa da Graça,Mulheres e Crianças,que vedaram o grupo,depois Joana.

Josefa - (Beatamente) Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

João - Para sempre seja o Senhor louvado.

Josefa - Faz favor de me vender duas velinhas de céra para uma promessa,que fiz ao Divino Espirito Coração de Maria,senhor João, e que seja pelas Divinas Chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo.

João - Então que houve lá pelas suas visinhanças ?

Josefa - Eu sei filho ?...Eu de portas para fóra nada posso dizer. Já não é pouco tratar cada um da sua alma e dirigi-la no caminho do céu. O Padre José ainda ontem o disse. Para que hade uma pessoa abrir a janela de sua casa ? Para se meter em trabalhos ? Não,que eu,filho,todas as noites reso ao meu devoto Padre Santo António,para que me livre de perigos e trabalhos,de maus visinhos de ao pé da porta,e deferros d'El-Rei.

João - Mas pelos modos,o santo nao a tem ouvido,porque em quanto aos maus visinhos...

Josefa - Visinhos,o que se diz visinhos; não tenho eu; a casa mais perto é a das pequenas do Meiadas,e dessa á minha,ainda é um bocadinho.

Sacristão - Mas ouviu-se lá o barulho ?

Josefa - Olhe,snr. Joaquim,pecados deste mundo,sabe ?

João - Mas afinal o que houve ? O caso foi com a Clara ou com a irmã ?

Josefa - Foi com a Margarida,snr. Joaquim. Aquilo estava de vôr. Então admirou-se ?...Pois olhe,eu...A gente não deve murmurar do próximo,mas emfim,isto é por conversar e não passa d'aqui. Aquela rapariga vae mal. Tirando lá a sua missa ao domingo, já ninguém a vê na igreja. E ali aonde a vê,não quiz pertencer á confraria do Sagrado Coração de Maria.

João - Mas se o caso era com a Margarida só,como é entao que o Pedro quiz matar o irmão. Que tinha o Pedro com isso ?...

Josefa - O que me disseram foi que a Margarida quiz lançar as culpas á Clara,e que foi então que o Pedro espetou a navalha no irmão.

João - Então ele espetou-lhe alguma navalha ?

Josefa - Pois não espetou ?...E diz que,por pouco,lhe chega ao coração.

João - Santo nome de Jesus! Isso é crime do degredo,pelo menos. E quem vê a Margarida ?...toda de mantos de seda,toda Santo Antonhinho onde te porei.

Josefa - Olhe,snr. João da Esquina - tentações do inimigo mau,é o que é. Não,que dizem,que não serve de nada confessar-se a

gente a miudo e rezar as orações dos missionarios.

Joana - (Que entrára,que ouvira,e apróximando-se) Ai! serve para livrar de maleitas depois de morto.

Josefa - (Fingindo que não ouvio) Ainda esta manhã o padre José...

Joana - (Com maliciosa expressão) Oh!

Josefa - (Fictando nela uns olhos chamejantes de cólera) A senhora Joana tem alguma coisa a dizer do snr. Padre José ?

Joana - (Embespinhada) E você que lhe importa!...

Josefa - Eu sempre queria saber...

Joana - Ora meta-se com a sua vida,que não é de muitas canceiras e não tome tanto fogo pelo que se passa nas casas alheias. Não está mau o descôco! Olhem agora o estafermo!

Josefa - Não se zangue,senhora Joana,lembre-se que a ira é o quarto pecado mortal.

Joana - De conselhos a quem lh'os pedir,que eu,quando precisar deles, sempre hei-de ter outras barbas melhores do que as suas para m'os dar.

Josefa - (Com um sorriso sarcastico) Presunção e água benta,cada qual toma a que quer.

Joana - Ó senhora Zefa da Graça,repare bem com quem se mete. Olhe que eu não sou das da sua igualha,para tomar comigo essas ares de confiança. Veja que lhe pode sair caro o risinho.

Josefa - Ninguém falava com a snrª Joana. Quem não quer ouvir as coisas...

João - (Entervindo) Então,então,isso não vale nada.

Joana - Que não vale nada,sei eu,porque tenho bastante juizo para receber as coisas como da mão de quem vem. Mas na verdade que lá custa a uma pessoa estar ouvindo semiscarunfias destas a porem a baba na fama duma rapariga,de quem um só cabelo da caboça vale por todas as beatas fingidas,por todas de cambalhota.

Josefa - Veja o que diz! Depois não se queixe de ouvir...

Joana - Que hei-de eu ouvir,sua papa-novenas,que hei-de eu ouvir ? Eu não tenho medo das verdades,e para as mentiras tenho estas mãos desempenadas,graças a Deus. Diga o que sabe,diga para aí. Não, minha amiga,a mim não me engana você. Cuida que o rosario é uma ficira de alcatruzes,que a ha-de levar ao céu ? Está servida.

Josefa - Quem chega á missa depois do crado...não pode falar.

Joana - E voce sua rata de sacristia,tem alguma coisa com isso ? Que lhe importa se eu chego tarde ou cêdo ? Não,que eu não tenho a sua vida,sabe! Deus que le nos corações,bem conhece que não é de propósito,que eu...Mas vejam esta santinha com que atenção está á missa,que repara para quem entra e quem sae. São todas assim. E ha-de ser isto quem ha-de pôr bôca em Margarida ?

Josefa - Então julga que é pêta o que toda a gente sabe por aí já ?

João - Não,a verdade deve dizer-se. É facto que ontem á noite...

Joana - Histórias!...Isso não ha-de ser tanto como dizem. Sabem que mais ? Eu só lhes desejo,aos que tiverem filhas,que Deus lhes dê a elas um bocadinho de juizo da Guida do Meiadas.

Jornaleiro-(Que se tinha afastado e que observára para fóra de cena) Caluda! que ela aí vem com o snr. Reitor. (O grupo afasta-se um pouco para o lado)

Cena 7ª

Os Mesmos,Reitor e Guida

Reitor - (Que traz Guida pelo braço) Encosta-te ao meu braço e não tenhas mêdo. Quero vêr agora quem se atreve a murmurar d'aquela,que passa apoiada ao braço do seu Reitor. Sempre quero

vêr. (As crianças ao ver Guida correm,soltando gritos de alegria,a beijar-lhe a mão)

Uma Mulher- Vem cá,Luiza. (Uma pequena pára irresoluta)

2ª Mulher - Ó Maria,aonde vaes tu ? Para aqui,já; corre. (A creança recúa tremendo)

3ª Mulher - Ó Ermelinda,não ouves ?...Não ouves,Ermelinda. Olha se queres que eu vá lá.

4ª Mulher - Ó Ana! ó Ana!...Então isso é o que eu te disse ?...Salta para aqui para o pé de mim. Ande.

Reitor - (Tremendo de indignação,emquanto Guida instinctivamente lhe aperta o braço também a tremer) Olá, olá,Luiza,Maria,Ermelinda e Ana - acui ja,já,todas aqui já! - Então não ouvem ?... (As creanças apróximam-se tremulas) Já que vossas mães vos ensinam a ser desobedientes e malcreadas,aqui estou eu para vos dar educação. - Beijem a mão á sua mestra,já. Ouvem-me ?

Guida - Senhor ?

Reitor - (Distraidamente) Deixa-me. Então,vamos! (As creanças beijam a mão de Guida,que as abraça soluçando. Reitor dirigindo-se ás mães) E vocês lá. - Aproximem-se também e venham aqui pedir por favor a esta rapariga,á minha pupila,entendem ? á minha pupila venham pedir-lhe que lhes abençôe as filhas. Vamos!

1ª Mulher - Essa agora!

2ª Mulher - Era o que me faltava!

3ª Mulher - Olhem os meus pecados!

4ª Mulher - Não ha-de ser a filha de meu pae!

Reitor - Que é ? que é ? que é lá isso ?...Que virtuosissimas creaturas sois vós todas ? Olhem lá que não manchem os labios a pedir! Não vos custa manchá-los a jurar em vão o Santo Nome de Deus,não se vos importa manchá-los a assoalhar as vidas alheias,a caluniar as amigas,a insultar as visinhas; mas fazeis escrupulos de os empregar,a pedir a benção para vossos filhos,a quem,mais e melhor do que vocês todas juntas,lh'a pode e deve dar!

Algumas vozes - Ora!

Reitor - Ora! Ora,o quê ? Saibam então que todas,todas vocês nem são dignas de lhe beijarem as bordas dos vestidos. O que sabeis é engrolar padres nossos e roçar com a testa pelo chão das igrejas; mas não tendes coração para doutrina do Senhor,não. Vós,as santas creaturas envergonhai-vos de pedir,como se vos deshonrasseis com isso ? Pois eu não me reconheço tão puro; sou um pobre pecador e por isso não devo ter essas sobcrbas de bemaventurados. (Dominado pela exaltação,curva-se,descobrindo-se,e toma a mão de Margarida,que leva respeitosamente aos labios,apesar dos esforços dela; a assembleia baixa todos os olhos de confusão e as crianças rodeiam a sua jovem mestra e cobrem-lhe as mãos de beijos,emquanto ela banhada em lágrimas,aperta uma por uma ao seio,sem poder falar comovida) Bem,minhas filhas,bem. Daes assim um nobre e belo exemplo a vossas mães; é de certo a mão de Deus,que vos tocou os corações. Quem se recusará a imita-las ?

José das Dornas - (Que entrára,e apróximando-se do Reitor,por detraz dele) Eu não. (Apróxima-se de Margarida e pegando-lhe na mão) Minha filha,eu tenho 70 anos. Desde que minha mãe morreu - há 50 anos,quási,nunca mais beijei a mão a ninguém. Pois digo-lhe que o faço agora,ainda com mais respeito,do que o

fazia então. (Inclina-se e beija-lho a mão)

Reitor - (Quando ele se endireita,abraçando-o) Bravo,José,bravo,meu homem! Isso esperava eu de ti,que te conheço há muitos. (Entre lágrimas de entusiasmo) Bravo! Bravo!

Joana - (Comovida) Palavra,que se estivesse ao pé do senhor José das Dornas,também lho dava um abraço e apertado.

CAI O PANO

Fim do 1º Quadro do 5º Acto

2º QUADRO DO 5º ACTO

(Uma sala em casa das pupilas. Portas á E. e ao F.,janelas á D.; mobilia modesta e antiga)

--b--o--o--o--o--o--o--o--o--o--o--o--o--o--o--o--o--o--o--o--o--o--o--o--o--o--o--

Cena 1ª

Guida,depois o Reitor

Guida - (Sentada a uma mesa,com o livro dos Evangelhos aberto diante e lendo) "Elo,porém,lhe disse: - Filho,tu sempre estás comigo, e todas as minhas coisas são tuas. Convenha-nos porém,alegrar-nos e folgar; porque este teu irmão era morto e reviveu,e tinha-se perdido e achou-se". (A comoção que manifestára á leitura arranca-lhe lágrimas que enxuga)

Reitor - (Que entrara e se apróxima dela) Que é isto!...Lágrimas!...Choros!...Ai,filha,filha,que me tens tu dito ? É então mentira a indiferença que asseguravas ?...Eu logo vi,mas...valha-me Deus! N'esse caso...para que fui eu...Então,Margarida,então,então. Isto assim,não tem geito. Socega,rapariga,socega. Vá o mal a quem toca. Nem todos podem ser santos. Os santos ?...Os santos estão nos altares. Há coisas que são superiores ás forças humanas; Pedro é bom e perdoará a Clara,perdoando ele,quem tem direito de condenar ? E se não perdoar não sei o que lhe faça. Quem mal a cama faz,n'ela se deita. Ora é muito boa! Em quanto ao mundo - adeus minha vida,o mundo é o mundo,importa lá o mundo.

Guida - Perdôe-me,perdôe-me,por quem é. Mas não pude,não posso mais. Não julgue que me arrependo do que fiz,que me lamoro de recuar. Creia-me,pouco me importa o mundo,o que dizem e o que virão a dizer. Pouco me importa.

Reitor - Mas então este choro ?

Guida - Nem sei porque choro,eu mesma não o sei. Mas faz-me bem o chorar. Deixe-me,deixe-me,por piedade.

Reitor - Mas,minha orgulhosa,porque não aceitaste tu a proposta de Daniel ?...

Guida - (Impetuosamente,mas não podendo sustar as lágrimas) Isso é que nunca!

Reitor - E aí estás a chorar cada vez mais! Mas isto não deve ficar assim. É preciso dar-lhe remédio. Tua irmão não pode querer...

Guida - Mas se eu lhe juro que não choro por isso! Se eu lho afianço, que pouco me importa o mundo!

Reitor - Mas então,ó Virgem Santa,então porque choras tu ? Eu endoideço ainda hoje...endoideço. Sacrificas a tua reputação para salvar a de Clara e não choras por isso; tiveste na tua mão remediar tudo,aceitando o leal oferecimento de Daniel,o que afinal o pobre rapaz fazia do coração,e recusaste sorrindo. E agora venho encontrar-te neste estado e dizer-me e jurar que não é nada. Recusas confiar-me a causa! Margarida preciso sabê-la,quero sabe-la!...

Guida - Agora não posso,não sei até dizer-lh'o. Se me estima,se me quer,como diz,não me pregunte nada. Deixe-me só,peço-lh'o por favor,por alma de minha mãe. Logo volte,e quando voltar verá que me ha-de achar contente,prometo-lh'o. Que mais quer ? Os abalos que tenho tido causarem-me isto. Não sei que tenho. Vá, peço-lhe que vá. Então não vae ?...(O Reitor olha para ela um

instante,depois toma o chapeu e sai sem dizer palavra,mas limpando uma lágrima)

Cena 2ª

Guida,depois Clara

Guida - Fraca! Fraca! que não tive forças para me sustentar até ao fim. Vá,vá,acabem de correr por uma vez estae lágrimas,e que sejam as ultimas; que ninguém m'as veja mais nos olhos. A causa...a causa...oh! essa ninguém a ha-de adivinhar.

Clara - (Que entrára nos bicos dos pés,diz-lhe ao ouvido) Enganas-te,Guida. Adivinhei-a eu já.

Guida - (Erguendo-se de repente) Que dizes,Clara ? Que estás a dizer, filha ?

Clara - Digo que te adivinhei,Guida. Que mais queres ? Estás descoberta, minha reservada. Não tinhas confiança em tua irmã,e assim te perdias por uma pessoa,de quem desconfiavas! É acção de santa,é; mas eu te prometo que isto não ha-de ficar assim.

Guida - Clara,tu não sabes o que dizes.

Clara - Escuta. Que promessas,que oferecimentos erem aqueles do...do senhor Daniel ? E porque os não aceitaste tu ?...

Guida - Clarinha!

Clara - Vamos. Eu ouvi tudo o que disse agora o snr. Reitor. Não m'o queres dizer. Digo-t'o eu. Daniel propoz-te...

Guida - Basta,Clara,basta. Bem sabes que não aceitei.

Clara - E porquê ? Isso mesmo é o que mais quero saber.

Guida - Porque...não devia aceitar.

Clara - Não devias ?

Guida - Não,não devia. És tu a que me vens dizer que se pode,que se deve aceitar um esposo a quem...

Clara - (Fitando-a) A quem ?

Guida - A quem não...amamos.

Clara - (Continuando a fita-la) E então é certo que não amas o snr. Daniel ?

Guida - Que pregunta!

Clara - E ainda não queres que te ralhe! Ora ouve,Guida. Desde hoje que o desconfio. Passaste ontem a noite á minha cabeceira. Eram trez horas quando dormias e eu estava acordada então. Ora,tu também tinhas febre,também sonhaste em voz alta,alguma coisa disséste...

Guida - Que disse eu ?

Clara - Palavras soltas,certo nome,de que eu ao principio,fiz pouco ou nenhum caso,mas em que depois me deu que scismar. E tanto scismei,tanto scismei,que afinal descobri minha pobre Guida...

Guida - O quê ?

Clara - Que esse coração não era por fim o que se supunha. E olha que mais te quiz por isso; porque eu gosto de quem tenha coração.

Guida - Mas emfim,que queres tu dizer ?...

Clara - Quero dizer,que tu amas,que tu amavas,e há muito,o snr. Daniel.

Guida - Estás louca,filha!

Clara - Não o negues ou ficamos de mal. Eu depois recordei-me do que dizia o senhor Reitor,de que Daniel fôra em pequeno teu conversado. Muitas vezes te vi corar ainda quando,o snr. Reitor te caçoava com isso. Depois certa maneira de falar com ele...certo acanhamento...e as lágrimas de há pouco...e as palavras de agora... e essa má vontade com que me estás...e esse olhar que se não atreve a levantar-se para mim - é certo ama-lo; e por isso pregunto: porque recusaste o seu oferecimento ?...

Guida - (Tomando as mãos da irmã e apertando-lh'as convulsivamente) Porque ? Queres sabe-lo ?...Porque o amo. Entendes agora ?

Clara - Não.

Guida - (Com exaltação) Pois não vês,criança,não vês louca,que seria um martirio horrivel um tormento,que nem se imagina,aceitar a compaixão de um homem a quem se ama ? Sabes que por generosidade nos salvar a reputação,só para isso,ele nos fez,o sacrificio do seu futuro das suas ambiçoes; que se abaixou condoido,para do chão,nos levantar até si; Há lá nada mais doloroso,ai,Clara,e cuidas que se resistiria a esta ideia ?...Oh! deixa-me,deixe-me fizeste-me já dizer o que eu nem a mim mesma dissera ainda.

Clara - Nao te arrependerás,cre...Adeus.

Guida - Aonde vaes ?

Clara - Só o has-de saber á minha volta. (Dá-lhe um beijo e sai apressadamente)

Cena 3ª

Guida,depois Daniel

Guida - Onde irá ela ? Não sei porquê,deixou-me preocupada esta saída de Clara! Ela pensa tão pouco - e ás vezes irreflectidamente pode cometer uma imprudencia. Assusta-me que ela saiba o meu segredo.

Uma voz de Rapariga - (Na rua,cantando)

Andava a pobre cabreira
O seu rebanho a pastar,
Desde que rompia o dia
Até a noite fechar!

Guida - (Que escuta impressionada a cantiga,levanta os olhos para o céu,e exclama) Oh! minhas recordações!...E vós,meu Deus,porque permites que se avive assim a cada instante o sonho mais belo e mais doloroso da minha vida. (Neste momento aparede Daniel ao F.)

Daniel - Dá licença,Margarida ?

Guida - (Voltando-se e vendo-o) O senhor Daniel!

Daniel - Deve ter a certeza que só um motivo forte e imperioso me trazia assim; inesperadamente a esta casa.

Guida - O que será!...

Daniel - Venho trazer-lhe as derradeiras palavras de um moribundo que foram uma benção e uma saudade para Guida.

Guida - Então o meu mestre...?

Daniel - Já não existe. Foi uma vida de tormentos que findou.

Guida - (Com dôr) Ah! e eu que não estava á sua cabeceira para lhe prestar o derradeiro serviço!

Daniel - Estava eu; que prometera a Guida nunca o desanparar na sua ausencia,e não o desamparei.

Guida - Obrigada.

Daniel - Não tem que me agradecer. Era ali que eu estava bem hoje em dia,porque era ali que eu não ouvia falar em outro nome,que não fosse o de Guida.

Guida - Senhor Daniel!

Daniel - Margarida,é neste momento solene,que lhe vou falar,que lhe quero dizer tudo o que sinto. Este lugar é para mim tão sagrado, como o interior de um sacrario. Não é verdade que ninguém teria coragem para mentir,vindo de contemplar a morte ? Não é verdade que ninguém pode recear do seu coração quando o interroga numa

ocasião como esta e o sente forte ? É pois agora,e neste momento que eu lhe repito,que eu lhe venho jurar que a amo,Margarida.

Guida - Oh! cale-se,cale-se!

Daniel - Para que me manda calar ?...Levará tão longe a sua desconfiança que possa acreditar,que até neste momento lhe minto,e que nem a promessa que fiz a um moribundo,porque lh'a fiz,revelando-lhe inteira a minha paixão que nem essa saberei respeitar.

Guida - Por compaixão,por misericordia; cale-se!

Daniel - Margarida!

Guida - Não vê que é um sacrilegio quási isso que está a dizer. Recorde-se d'onde vem - e lembre-se do que nos separa. Oh! cale-se!

Daniel - É a solenidade do momento que me anima a falar-lhe. Não duvide de mim,Margarida. Será preciso que lhe lembre o tempo passado ? Será preciso que lhe fale da infancia,Guida! da infancia que passámos juntos ?

Guida - (Com amarga exprobação) A mim! Serei eu a que preciso de avivar lembranças. (Reprimindo o movimento que não soube disfarçar,acrescenta com desespero) Que quer de mim ?

Daniel - A sua confiança,a sua estima; juro-lhe que a mereço. Pela primeira vez,faço sem hesitar,este juramento. Alguma coisa se passou no meu coração,que me fez outro homem. Acabou o louco sonho de dez anos,que andei sonhando. Despertei ontem. Agora sou o mesmo Daniel,que d'aqui partio,deixando na aldeia alguém,que do alto dos montes olhava com tristeza para a estrada que o conatrangeram a seguir,estrada que,ele também regou com lagrimas de saudades. Guida,hão me perdoará as loucuras deste sonho mau? Não m'as perdoará em nome do passado ? Fale.

Guida - (Consigo) Inspirai-me Senhor Deus!

Daniel - Diga,que devo eu fazer para adquirir de novo essa estima,que perdi ? Peça-me sacrificios; peça-me provas; mas não me feche assim de todo o coração. É generosa para com todos,e só para mim...

Guida - Que quer ? Que me vem pedir aqui ? Para que vem lembrar-me o passado,que primeiro do que eu,deixou esquecer!...Deseja a minha estima,a minha confiança ?...Confiança em quê!...No seu caracter ?...Bem sabe que não desconfio da nobreza d'ele; no seu coração ? (Com voz tremula) Ai,no seu coração ? Para que deseja que eu me ocupe do seu coração,Daniel! Por piedade,não me fale assim! Se soubesse o mal que me faz,se soubesse...Oh! meu Deus! eu a dizer isto e o cadaver do meu mestre a pedir-nos orações!...Daniel...senhor Daniel...peço-lhe que me deixe rezar.

Daniel - E vae rezar com a alma cerrada aos sentimentos de piedade,Guida?

Guida - (Quási euplicante) Daniel!

Daniel - Margarida! Não vê que essa desconfiança me mata ? Por piédade! (Margarida ficta-se irresoluta já,vae quási para estender-lhe a mão,mas ainda consegue vencer-se retirando-a)

Cena 4ª

Os Mesmos e Clara

Clara - (Ainda fóra) Guida! Guida! (Entra correndo,mas detem-se á vista dos dois) Ai!

Guida - (Embaraçada) O que é,Clara ? Que me queres ?

Clara - Já vaes saber o que eu quero. (A Daniel) Sr. Daniel,seu pae e seu irmão estão lá fóra,esperando-o.

Daniel - Eu vou,Clara. (Sae,depois de olhar ainda uma vez para Margarida)

Cena 5ª

Guida e Clara

Clara - Margarida,estou resolvida a acabar com isto. Não quero que vivas debaixo das desconfianças de todos esses que não te valem. A Joana contou-me o que por aí se diz. Ora responde-me,por alguma coisa no mundo,aceitarias de mim um sacrifício tamanho ?
Guida - Quem sabe ? Outra coisa me aflige neste momento mais,bem mais, que tudo isso. Não sabes que morreu o nosso pobre amigo ?
Clara - Sei,soube-o de Daniel,que encontrei quando vinha dar-te a notícia.
Guida - Pois falaste-lhe ?
Clara - Falei. E fui depois rezar junto do leito do nosso mestre. E lá, outra vez,aconselhou-me Deus,que não abandonasse a minha ideia.
Guida - Então que ideia,tiveste tu ?
Clara - Guida,agora isto em mim é decidido. Ou tu aceitas o oferecimento de Daniel ou eu digo tudo.
Guida - Doida; nem me fales n'isso.
Clara - Agora,juro-te,pela salvação da minha alma,que é tenção firme, e que te não darei ouvidos,Guida.
Guida - Clara!
Clara - Juro-t'o.
Guida - Queres fazer-me desgraçada ?
Clara - Quero fazer-te feliz.
Guida - Matavas-me.
Clara - Á morte te estás tu a dar com esse teu génio,Guida. Escondes-te para chorar. E olha,quando se não chora,parece que as lágrimas nos caem todas cá dentro e queimam,e o padecimento é então de morte.
Guida - Estás enganada,Clara,a gente costuma-se afinal,costuma-se a tudo,até á tristeza.
Clara - Para que estás tu a mentir-me assim ? Aprendi mais de ti n'estes dois dias,do que em tantos anos,que te conheço. Quem sabia perdoar como tu,e desde bem pequena principiaste a faze-lo,quem sabia como tu,estimar e protegar uma irmã,podia lá ter fechado o coração para o mais ?...para o amor ? E que amor,que lá guardas há tanto! o que ainda agora queres abafar; como julgas que o has-de fazer,doida ? Que has-de tu pôr no lugar dele ?
Guida - A tua amizade,Clara. (Beijando-a) Essa me bastará. Tudo o que nos agrada,que nos enfeitiça,nas crianças,agradava-me,enfeitiçava-me em ti. Mas agora,Clara,apareces-me outra. Estás uma mulher. Agora posso tomar-te por confidente e conselheira até! Tens direito a so-lo,tu,a única pessoa que me adivinhou. É teu o meu segredo...porque m'o roubaste; vamos. Vê,que já me não envergonho de dizer-te que me adivinhaste.
Clara - E a minha tenção é firme.
Guida - Então,Clara!
Clara - Escolhe. Não sejas má comigo e com ele.
Guida - Com ele!
Clara - Com ele,sim,que te ama.
Guida - Para que afirmas o que sabes que é mentira ?
Clara - Não é. Daniel falou-me ainda agora de ti. Disse-me que conversava com o irmão a teu respeito. Pedro teimava com ele para que casasse contigo. Daniel respondeu-lhe:- que seria para o seu coração grande ventura,mas que tu recusáras. Que ele via agora a razão porque tão de repente te amára assim.
Guida - Deve ser uma razão bem conhecida dele,que tantas vezes a tem sentido com outras.

Clara - Não digas isso,má. Daniel recordava-se de tu teres sido a sua companheira em criança; lembrava-se que fôra quem te ensinára a lêr,quando te ia procurar ao monte,onde sósinha,passavas os dias a guardar os rebanhos de nossa casa. Depois quando se recordava da maneira porque respondeste ao seu pedido,quando pensava em que o não amavas,já,ficava tão triste,que metia pena. E eu então ...disse-lhe!...

Guida - O quê ?! meu Deus!...

Clara - Disse-l e...que tu o amavas.

Guida - (Juntando as mãos) Ó Clara! que foste fazer ?!...

Clara - O que devia. De que servem essas fingimentos ?...Pois não o amas tu deveras ?...

Guida - Ai,Clara,Clara; não te perdôo isso,não.

Clara - Nem eu quero que m'o perdões,mas-de agradecer-m'o. Depois autorisada por el eu propuz ao pai e ao irmão que viessem...

Guida - Que viessem!...

Clara - Que viessem comigo.

Guida - Aonde ?

Clara - Aqui.

Guida - Aqui,e então ?

Clara - E então,vieram. Estão esperando n'aquela sala juntamente com Daniel,que foi encontrá-los.

Guida - Ó Clara!...

Clara - Pois não fiz bem ?...Agora vaes dizer que sim,quando ele de novo te propozer.

Guida - Não,nunca o direi.

Clara - Como quizeres,mas lembra-te do que eu te jurei.

Guida - Clara! Clara! Minha irmã!...Minha amiga!...Repara ao que me queres obrigar. Pois força-se alguém a uma coisa assim ?...Dize: - Queres que eu me abaixe a...

Cena 6ª

As mesmas,José das Dornas e Reitor

José - (Interrompendo Guida) Vocês perdôem-me,se eu lhes interrompo a conversa,mas é que tenho que falar á Margarida. (Afagando com as mãos a copa do chapeu) O meu filho Daniel é um estouvado. Desde creança o conheci assim. Lá que com os seus estouvamentos e as suas estroinices desse cabo de saúde e da legitima materna,era uma pena,mas emfim (Encolhendo os hombros) entre Deus e ele se decidisse esse negócio. Mas agora que venha perder o inquietar os outros com as suas asneiras,isso é que não estou resolvido a sofrer-lh'o. Muito menos então,quando essa outra pessoa é a pérola cá da nossa terra...Todos o dizem...

Guida - Por quem ó,senhor...

Reitor - Bem,bem,adeante.

José - É verdade; pois agora de duas uma,ou ele,para remediar o mal que fez,lhe vem aqui pedir para a menina o aceitar por marido; e se a menina lhe quizer fazer êsse favor,tudo se remedeia,e eu recebo por filhas logo duma assentada,as duas melhoras moças da terra,ou então,ou então...ou então,se poder que eu possa, parto-me já o rapaz para o Brasil,ou para fóra d'aqui pelo menos,porque já não estou para ver,por causa dele,alguma desgraça,cá na terra.

Clara - (Baixo,á irmã) E lembra-te que o culpado,que tens de sentenciar,não está longe d'aqui.

José - Ora é preciso que se saiba,que isto não é só lembrança minha.

O rapaz tem sua inclinação para a menina, porque emfim (Sorrindo) foi gosto que tomou em pequeno. Amores antigos...Lembra-se, senhor Reitor, que por causa desta, é que o rapaz nos não canta hoje missa ?...Porque, dizia elo, já então, que havia de casar com a menina.

Reitor - (Jovial) É verdade - é verdade - tinha coisas o rapaz.

José - Ás vezes são coisas talhadas por Deus. O casamento e a mortalha...lá diz o rifão.

Clara - Nada de pensar mais tempo. (Baixo) Vê lá agora o que vaes fazer; olha que tu a dizeres que não é eu a contar tudo como foi. Ouviste ? (E sem esperar resposta, vae á porta e faz sinal para a sala imediata. Entram Pedro e Daniel)

Cena 7ª

Os Mesmos, Pedro e Daniel

Daniel - (Dirigindo-se a Margarida) Margarida, venho renovar um pedido, que ante-ontem lhe fiz e que já hoje lhe repeti, peço-lhe...

José - Ah! pois ele já...!

Reitor - Já, já; mas cala-te, homem. (Margarida olha para Clara, onde adivinha no rosto um ar de firmeza, que a assusta dirige-lhe um gesto de suplica, Clara responde-lhe com um movimento de recusa) Então...minha filha.

Guida - (Com voz tremula) Que direito tenho eu de recusar uma porposta, tão...generosa. Aceito.

Pedro - Ainda bem. (Daniel apodera-se da mão de Margarida que estremece, mas que depois de uma luta intima, lhe corresponde enlevada)

Clara - (Baixo, a Guida) Então ? Devo pedir perdão, ou alviçaras, minha teimosa ?...Cra dize-me se o que sentes agora no coração te causa grande dor e se te obriga a querer-me muito mal, por o que fiz ? (Margarida responde-lhe, apertando-a ao seio e beijando-a)

Semana - (Da rua) Ó Reitor! Ó Abade ? Cuves ? Ó Padre António ? Ó homem!

Reitor - (Indo á janela) Ah! és tu João Semana? Sóbe.

Semana - (Fóra) Não subo tal; o que tenho a contar-te nao se pode contar aí.

Reitor - Ah! já vejo que ouviste também a história do dia.

Semana - Ouvi, ouvi.

Reitor - É o mesmo. Sobe, João Semana, sobe.

Semana - Pois com os diabos, eu subo e, se a noticia estourar aí dentro como uma bomba, a culpa é tua.

Reitor - Já me estou a rir da cara com que elo vae ficar.

Cena 8ª

Os Mesmos e João Semana

Semana - (Entra, falando, sem primeiro reparar em quem está) Procurei-te em tua casa, em casa do José das Dornas, e não te encontrando, calculei que estarias aqui. (Neste momento olha em roda de si e fica imovel de admiração) Isto que quer dizer!

Reitor - Quer dizer que estás convidado para duas bôdas!

Semana - Que diabo me tinham dito ?!

Reitor - E tu dessa edade, não tens vergonha de engulir todas as pilulas que te impingem ?

José - É bem feito! Ás vezes também as receita de calibre de granada.

Reitor - Contaram-te coisas horrorosas ? Estava a ler-t'as na cara. Pois agora, conta tu o resto da história a essa gente e que se calem por uma vez.

Semana - No mesmo instante. Diziam os franciscanos que as boas noticias não se guardam. (Vai a sair)

José - Onde vae com tanta pressa ? Então, não se lhe alegra o coração com estas cenas.

Semana - Oh! Se alegra! Mas os meus 70 janeiros é que são demais para alegrar os noivos. Eu, você e o Reitor, deviamo-nos retirar, porque eles estão agora persuadidos que nunca envelhecem nem morrem. E nós estamos aqui a bradar-lhes com os nossos cabelos brancos memento homo, etc. (Todos riem) Diz tu o resto do latim, se quizeres!

Reitor - Agora sim. Quando Deus me chamar á sua presença, posso dar contas limpas aos pais destas raparigas. Estou certo de que deixo felizes as minhas pupilas! (Margarida e Clara abraçam-n'o, formando quadro)

C A I O P A N O

Fim do 2º Quadro, do 5º Acto e FIM DA PEÇA

BIBLIOTECA NACIONAL

Cod.
12722